

ECOLOGIA INTEGRAL

Uma Abordagem Pós-Metafísica para Fenômenos Ambientais¹

Sean-Esbjörn-Hargens

AQAL – Journal of Integral Theory and Practice, Spring 2006, Vol. 1, No. 1

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega e Giovanni Barontini

A Teoria Integral oferece uma abordagem diferente e participativa para a Ecologia. Este artigo apresenta a Teoria Integral de Ken Wilber, distingue a abordagem Integral de outros métodos e aplica alguns conceitos-chave à Ecologia. A ontologia, a epistemologia e a metodologia dos fenômenos ambientais são examinadas à luz da estrutura de Wilber, e essa estrutura é aplicada a exemplos multidimensionais de reciclagem. Por fim, apresenta-se uma plataforma para a Ecologia Integral.

Introdução

Atualmente, existem mais de 200 abordagens e perspectivas distintas sobre ecologia e resolução de problemas ambientais.² No entanto, várias abordagens ambientais, mesmo em seus momentos mais inclusivos, ainda excluem importantes domínios de pesquisa e compreensão. Muitas abordagens, movimentos, autores e ativistas se especializam e promovem um domínio de interesse restrito, tornando-o paradigmático para todas as pessoas. Poucas abordagens e ativistas reconhecem que se especializam em um ou poucos domínios e constroem alianças com outros domínios. Entretanto, essas tentativas ainda não alcançam uma abordagem Integral, na qual múltiplas perspectivas e afirmações de conhecimento sejam incluídas de forma coerente e sofisticada, de modo a reconhecer a complexidade de qualquer situação ambiental.

Embora existam inúmeras filosofias e estruturas ecológicas disponíveis atualmente, não há uma estrutura única que integre todas essas abordagens. Conquanto cada abordagem destaque um componente essencial para uma filosofia de ação ambiental, ela permanece parcial porque exclui outras dimensões importantes da realidade. Para transcender essa fragmentação e situar todas as abordagens em uma única estrutura, a Ecologia Integral aplica o modelo "Todos os

"Quadrantes, Todos os Níveis" (AQAL – All Quadrants, All-Levels) de Ken Wilber.³ A Teoria Integral une a miríade de filosofias e estratégias ecológicas para que possam se informar e se complementar mutuamente. Além disso, uma abordagem Integral destaca as dificuldades inerentes a uma abordagem dissociada da compreensão da dinâmica de desenvolvimento individual e cultural de indivíduos, culturas e natureza.

Cultivar o entendimento mútuo entre perspectivas é um componente essencial para abordar nossos problemas ambientais. Entendimento mútuo, como é compreendido aqui, refere-se à capacidade cognitiva, emocional e interpessoal de considerar perspectivas contraditórias às da própria pessoa e fazê-lo como se *fossem suas*. O entendimento mútuo requer que se incorpore uma perspectiva aparentemente em desacordo com o ponto de vista pessoal, político ou profissional. Essa capacidade foi descrita por pesquisadores do desenvolvimento: a 5ª ordem da consciência de Robert Kegan;⁴ a visão de mundo integral-aperspectiva de Jean Gebser;⁵ o discurso livre de dominação de Jürgen Habermas;⁶ e a visão-lógica de Ken Wilber.⁷ A Ecologia Integral defende que qualquer coisa inferior a uma capacidade mundicêntrica de abarcar múltiplas perspectivas irá comprometer soluções viáveis para a degradação ambiental. Como líderes, encontraremos soluções para a nossa crise ambiental em grande parte por meio da nossa crescente capacidade de transcender e incluir as nossas diferenças ideológicas, de classe, culturais, raciais e de gênero. Assim, ecologistas, ativistas e líderes ambientais devem aumentar sua capacidade de acessar diversas visões de mundo e de coordená-las.⁸

O público em geral está saturado de informações ecológicas, mas isso não alterou drasticamente comportamentos responsáveis por graves problemas ecopsicossociais. Informação adicional, por si só, não basta! Mudar posições sociais, econômicas e ideológicas não é suficiente. A Ecologia Integral acredita que a conscientização da dinâmica do desenvolvimento, a capacidade de sustentar múltiplas visões de mundo e a transformação individual são acréscimos cruciais para alcançar essas mudanças comportamentais e alterar nossa relação atual com a biosfera. Ao compreendermos a estrutura e a dinâmica de transformação do pensamento, podemos fomentar o entendimento mútuo e adaptar soluções para todos os níveis de desenvolvimento. A Ecologia Integral, portanto, dedica-se a explorar a psicologia do desenvolvimento e sua relação com o *eu* (subjetividade), a *cultura* (intersubjetividade) e a *natureza* (objetividade e interobjetividade). Precisamente por incluir realidades interiores (psicologia humana – desenvolvimental e cultural), a Ecologia Integral oferece respostas mais

abrangentes e eficazes para os problemas ambientais, uma vez que evita reduzir os fenômenos e soluções ambientais a dimensões exclusivamente objetivas.

Em resumo, a Ecologia Integral promove o desenvolvimento e a aplicação de uma abordagem abrangente para as questões ambientais. Essa abordagem organiza as perspectivas de diversas abordagens ecológicas em uma estrutura inclusiva. A Ecologia Integral também conecta as várias escolas de ação ambiental ao domínio do desenvolvimento psicológico e ao estudo de visões de mundo. Essa nova estrutura apresenta aplicações promissoras em diversos contextos: escolas ao ar livre, planejamento urbano, expedições em áreas selvagens, desenvolvimento de políticas públicas, projetos de restauração, avaliações de impacto ambiental, desenvolvimento comunitário e negócios sustentáveis. A Ecologia Integral transcende muitos dos problemas que têm afetado as abordagens parciais contemporâneas ao meio ambiente e avança em direção a uma compreensão desenvolvimentalmente informada de indivíduos, culturas, comportamentos e sistemas. Como resultado, a Ecologia Integral se baseia na expertise de diversas disciplinas e oferece soluções extremamente abrangentes, visionárias e flexíveis para o meio ambiente – soluções que podem nos conduzir a uma relação correta, em múltiplas escalas, com a Terra.

Teoria Integral

O filósofo norte-americano Ken Wilber, criador da Teoria Integral, publicou mais de 30 livros e centenas de artigos. Muitos o consideram um dos mais importantes pensadores para a exploração contemporânea do conhecimento inter e transdisciplinar.⁹ Devido à relevância e popularidade de sua visão, seus livros foram traduzidos para mais de 24 idiomas.¹⁰ Em razão de sua aplicabilidade em diversas áreas disciplinares, a Teoria Integral recebeu amplo apoio de indivíduos associados a uma variedade de campos.¹¹ À medida que a Teoria Integral é aplicada a várias disciplinas, ela constrói pontes entre elas. Conseqüentemente, a Teoria Integral é uma estrutura capaz de unir o que a modernidade fragmentou: as quatro dimensões da *objetividade*, *interobjetividade*, *subjetividade* e *intersubjetividade* (e seus respectivos *níveis* de complexidade). Para uma visão geral dos principais termos e conceitos da Teoria Integral, consulte o Apêndice.

A Ecologia Integral reflete sobre: *que* parte da realidade é focada (e.g., quais quadrantes são privilegiados); *quem* está observando essa parte da realidade (e.g., quais níveis de desenvolvimento estão representados); e *como* essa realidade é investigada (e.g., quais perspectivas nativas ou métodos de investigação são

usados)? A Ecologia Integral propõe que o "Que" consiste em pelo menos *Quatro Terrenos* e seus *Doze Nichos*, o "Quem" consiste em pelo menos *Oito Eus Ecológicos* (ou *Ecoeus*) e o "Como" consiste em pelo menos *Oito Modos Ecológicos*. A Ecologia Integral busca compreender a relação entre o conhecedor e o conhecido, na qual a realidade (o que é objetivo), o observador (o que é subjetivo) e o método (o que é intersubjetivo) interagem de maneiras complexas. Como resultado, a Ecologia Integral oferece, sem dúvida, a estrutura conceitual e prática mais abrangente para abordar questões ecológicas e ambientais. A Ecologia Integral busca respeitar todos os Nichos de preocupação ambiental, todos os Eus de visões de mundo ambientais e todos os Modos de investigação ambiental: todos os *Nichos*, todos os *Eus*, todos os *Modos*. Essas categorias ecológica e explicitamente representam uma contribuição teórica singular para a Teoria Integral, operacionalizando-a no contexto do discurso e prática ecológicos.

Os Quatro Terrenos

Existem quatro dimensões irreduzíveis e correlatas (subjetividade, intersubjetividade, objetividade e interobjetividade). No entanto, a ciência ecológica até o momento é compreendida predominantemente em termos objetivos e interobjetivos. As realidades ecológicas claramente possuem dimensões subjetivas e intersubjetivas! A riqueza e a complexidade dos fenômenos ambientais não podem ser compreendidas ou descritas unicamente por meio de métodos de investigação objetivos. Para honrar e incluir todos os aspectos das ecologias selvagem, rural e urbana, devemos reconhecer que os ecossistemas são apenas um dos quatro terrenos de qualquer ocasião ambiental. Para cada compreensão interobjetiva de fluxos, equilíbrios, ciclos, padrões e redes de energia complexos e interativos, existem observações objetivas de movimento, comportamento, atividade e forma; realidades subjetivas de experiência e percepção; e espaços intersubjetivos de significado compartilhado e ressonância mútua. Para compreender plenamente as dimensões (inter)objetivas, devemos compreender as dimensões subjetivas e intersubjetivas. Se estudarmos os ecossistemas apenas por meio de métodos objetivos de investigação, estaremos estudando apenas um quarto dos fenômenos ambientais! Essa abordagem exclusivamente (inter)objetiva, pilar da maioria dos ecólogos, é semelhante a estudar um lago observando sua superfície (e.g., a ida e a volta dos pássaros, as mudanças na cor da água, os tipos de ondas que se formam). Se não explorarmos as profundezas do lago, sua complexidade permanecerá desconhecida. Da mesma forma, descobrimos muito pouco sobre os fenômenos ambientais se restringirmos nossa investigação a

comportamentos e sistemas e excluirmos as metodologias sofisticadas para explorar as experiências vivenciadas e os horizontes culturais dos seres (humanos e não humanos) que são membros de qualquer ecossistema.¹²

A Ecologia Integral investiga os quatro quadrantes, ou Quatro Terrenos: *Terreno do Comportamento* (comportamentos em todos os níveis de organização); *Terreno da Experiência* (experiências em todos os níveis de percepção); *Terreno dos Sistemas* (sistemas em todos os níveis de intersecção ecológica e social); e *Terreno da Cultura* (culturas em todos os níveis de ressonância e compreensão mútua). Esses Quatro Terrenos são fundamentais para a Ecologia Integral, uma ecologia representacional e não representacional complexa de fenômenos ambientais. A Ecologia Integral explora as formas complexas pelas quais redes distintas e irreduzíveis de experiências, redes de culturas, redes de comportamentos e redes de sistemas coemergem em redes complexas e abrangentes em todos os níveis de manifestação ecológica.

O **Terreno da Experiência** inclui as experiências subjetivas (e.g., somáticas, emocionais, cognitivas, espirituais) de membros humanos e não humanos do mundo natural. Exemplos do Terreno da Experiência são: como uma pessoa experiencia uma montanha em seu corpo enquanto caminha até um penhasco; como um grou experiencia uma diminuição no suprimento de alimentos à medida que seus pântanos são drenados para um projeto habitacional local; como uma rã-de-pernas-vermelhas experiencia a descarga eletromagnética de linhas de energia colocadas sobre sua lagoa; como alguém que vive em uma grande cidade experiencia a desconexão do mundo natural; e como uma sequoia experiencia a chuva ácida.¹³

O **Terreno da Cultura** inclui os horizontes compartilhados (e.g., moral, sistemas simbólicos, significado, afeto, experiência) que existem entre os membros humanos e não humanos do mundo natural. Exemplos do Terreno da Cultura são: como uma manada de alces interpreta um projeto de exploração madeireira local; como diferentes aspectos do mundo natural passam a simbolizar realidades complexas para várias culturas humanas; como um puma macho entende o chamado de acasalamento de uma fêmea no cio; como várias comunidades humanas se relacionam com o mundo natural durante períodos históricos específicos; como algumas espécies de aves incorporam trechos de cantos de outras aves para criar suas próprias melodias; e como um excursionista consegue compartilhar entendimento mútuo com um urso encontrado na trilha.¹⁴

O **Terreno do Comportamento** inclui as superfícies ou fronteiras físicas (e.g., pele, membranas celulares, órgãos, tecidos) e as ações e movimentos (e.g.,

crescimento, digestão, voo, sono) de membros humanos e não humanos do mundo natural. Exemplos do Terreno do Comportamento são: o pH e a composição química da água de um rio que atravessa uma área de agricultura industrial; a distância entre os galhos de uma palmeira; os intervalos de tempo entre os padrões de alimentação de uma ovelha que recebeu injeções de hormônio de crescimento; o ato de reciclagem; o número de ovos que uma pata-real põe; e o metabolismo de lesmas.

O **Terreno dos Sistemas** inclui a interação funcional (e.g., cadeias alimentares, rituais de acasalamento, padrões de migração, competição) e a influência (e.g., poluição, estações do ano e padrões climáticos) dos membros humanos e não humanos do mundo natural. Exemplos do Terreno dos Sistemas são: como o desenvolvimento econômico afeta a dinâmica das bacias hidrográficas; como o desmatamento se relaciona com os ciclos de seca; como os padrões de sucessão florestal em uma floresta tropical temperada são alterados devido à construção de estradas na área; como a caça excessiva de cervos influencia os fluxos de nutrientes em várias biozonas; e como o tráfego urbano intenso causa mudanças climáticas.

Os Quatro Terrenos são representados na Figura 1. Em cada quadrante, é apresentado o modo principal de conhecer a realidade associada à respectiva ecologia: realidades *subjetivas* são reveladas com maior precisão por meio de *experiência vivenciada* (e.g., percepção direta, introspecção, investigação fenomenológica, meditação, escaneamento corporal); realidades *intersubjetivas* são reveladas com maior precisão por meio de *ressonância mútua* (e.g., diálogo, conexão energética, profundidade compartilhada, técnicas de observação participante, interpretação); realidades *objetivas* são reveladas com maior precisão por meio de *observação* (e.g., medição, observação em laboratório, pesquisa de campo, testes químicos); e realidades *interobjetivas* são reveladas com maior precisão por meio de *ajuste funcional* (e.g., relações parte-todo, observação da dinâmica sistêmica, função instrumental, fluxos de energia, ciclos de retroalimentação, análise estatística). Cada um dos Quatro Terrenos emprega diferentes técnicas, preceitos e métodos para investigar sua respectiva dimensão. Apresento uma descrição mais detalhada de cada modo de investigação metodológica, associado a cada Terreno, na seção "Os Oito Modos Ecológicos".

QSE Terreno da Experiência As realidades subjetivas de qualquer ser em todos os níveis de sua percepção. <i>Conhecido por Experiência Vivenciada</i> EU	QSD Terreno do Comportamento As realidades objetivas de qualquer ser em todos os níveis de sua organização. <i>Conhecido por Observação</i> ISSO
NÓS Terreno da Cultura As realidades intersubjetivas de qualquer ser em todos os níveis de sua comunhão. <i>Conhecido por Ressonância Mútua</i> QIE	“ISSOS” Terreno dos Sistemas As realidades interobjetivas de qualquer ser em todos os níveis de sua interseção. <i>Conhecido por Ajuste Funcional</i> QID

Figura 1. Os Quatro Terrenos

Os Doze Nichos

Cada um dos Quatro Terrenos possui níveis de complexidade e profundidade. Embora muitos níveis de complexidade possam ser identificados, a Ecologia Integral apresenta pelo menos três níveis amplos. Esses níveis representam graus crescentes de complexidade tanto de realidades exteriores quanto de realidades interiores. Os três níveis em cada um dos Quatro Terrenos criam os *Doze Nichos* de interesse ambiental. Esses nichos representam os inúmeros aspectos da realidade nos quais diversas abordagens ambientais frequentemente se especializam ou consideram primordiais. Por exemplo, a Ecopsicologia se especializa na *psique*: a dinâmica psicológica da dor e da desconexão com o mundo natural; a Justiça Ambiental se especializa em *instituições e ação*: a relação entre sistemas sociais e conduta intencional; a Ecofenomenologia se especializa em *soma e comunhão*: realidades somáticas e dimensões intercorporais; a Teoria Gaia se especializa em *movimento e interseções*: movimento físico e sistemas naturais; O Capitalismo Natural especializa-se em *instituições e interseções*: a integração de sistemas sociais e sistemas naturais.¹⁵ As fronteiras entre os Doze Nichos, como em todos os nichos ecológicos, são permeáveis e fluidas. Não é fácil nem necessário definir onde um termina e o outro começa, pois eles se interpenetram numa sinfonia de

complexidades. Os Doze Nichos estão resumidos na Figura 2 com uma breve descrição do domínio (e.g., dinâmica psicológica) e uma única palavra para se referir a esse domínio (e.g., Psique).

	Interiores		Exteriores	
	EXPERIÊNCIAS	CULTURAS	COMPORTAMENTOS	SISTEMAS
3º Nível de Complexidade	Pneuma Realização Espiritual	Metacomunidade Perspectivas Compassivas	Meios Hábeis Ações Eficazes	Matrizes Sistemas Sutis
2º Nível de Complexidade	Psique Dinâmica Psicológica	Comunidade Horizontes Compartilhados	Ação Conduta Intencional	Instituições Sistemas Sociais
1º Nível de Complexidade	Soma Realidades Somáticas	Comunhão Dimensões Intercorporais	Movimento Movimentos Físicos	Interseções Sistemas Naturais

Figura 2. Os Doze Nichos de Interesse Ambiental

Nenhum nicho (ou domínio) de qualquer nível (e.g., realidades somáticas) ocorre sem os outros nichos desse nível (ou seja, dimensões intercorporais, movimentos físicos ou sistemas naturais). Os quatro nichos de cada nível surgem simultaneamente, porque cada nicho de um nível é um aspecto diferente do mesmo fenômeno. Por exemplo, um veado-mula possui simultaneamente realidades somáticas, dimensões intercorporais, movimentos físicos e é membro de sistemas naturais. Um aspecto *não* ocorre antes ou depois dos outros. Esses nichos *cossurgem*. Uma mudança em um gera mudança nos outros. Esses nichos *não* são fenômenos isolados. Não se deve minimizar as qualidades únicas de cada nicho, mas sim destacar a interconexão entre todos os aspectos no âmbito de um determinado nível.

Níveis mais complexos incluem níveis menos complexos. Por exemplo, os horizontes compartilhados transcendem e incluem dimensões intercorporais, que, por sua vez, incluem todo o 1º nível. Da mesma forma, pode haver um corpo físico (ou sutil) sem uma mente intencional, mas não pode haver uma mente intencional sem um corpo físico (ou sutil).¹⁶ Pode haver uma mente intencional sem experiências espirituais, mas se houver experiências espirituais, então deve haver uma mente intencional e um corpo físico (ou sutil). Em outras palavras, um nicho

não ocorre isoladamente; todos os nichos do mesmo nível, juntamente com todos os nichos abaixo, cossurgem, mesmo que estejam fora da nossa conscientização.

Um Ecologista Integral compromete-se a manter todos os nichos no seu campo de atenção, porque todos os doze nichos estão presentes e disponíveis em cada momento. Os nichos representam entidades ontológicas, que não são independentes de um observador, embora possam parecer independentes para você ao observá-los.¹⁷ Obviamente, algumas situações exigem maior atenção a um ou mais nichos, mas os demais não podem ser ignorados ou reduzidos a seus correlatos. Cada nicho é irreduzível a qualquer outro e só pode ser plenamente compreendido em seus próprios termos. Cada nicho possui uma tradição de especialistas (uma comunidade de pares) que documentaram seus contornos e forneceram métodos para acessar e compreender suas realidades. Quanto mais nichos forem reconhecidos e incluídos, mais sustentável se torna qualquer projeto.

Os Doze Nichos da Reciclagem

Os Doze Nichos de interesse ambiental servem como uma lista de verificação ecológica para qualquer projeto, questão ou situação ambiental. Por exemplo, se analisarmos a reciclagem a partir de uma perspectiva Integral, exploraremos como ela se manifesta em cada nicho.

No primeiro nível de complexidade, existem: *Soma* (a forma como o corpo se sente durante o ato de reciclar); *Comunhão* (as práticas culturais compartilhadas associadas à reciclagem, como lavar caixas de leite e amassar latas); *Movimento* (os atos e comportamentos físicos associados à reciclagem); e *Interseções* (o impacto ecológico da reciclagem).

No segundo nível de complexidade, existem: *Psique* (os diferentes estados e dinâmicas psicológicas relacionados à reciclagem, como orgulho, culpa e medo); *Comunidade* (as dinâmicas conceituais e ideológicas que apoiam ou impedem a reciclagem); *Ação* (as realidades de poder, raça e classe envolvidas na reciclagem); e *Instituições* (as leis, a política, a educação e a economia que apoiam ou impedem a reciclagem).

No terceiro nível de complexidade existem: *Pneuma* (as várias experiências mundicêntricas e globocêntricas vivenciadas por meio da reciclagem); *Metacomunidade* (como a reciclagem se relaciona com diversos sistemas e valores mundicêntricos ou religioso-simbólicos); *Meios Hábeis* (o ato de reciclar como

modelo de comportamento sustentável); e *Matrizes* (os sutis benefícios energéticos para a Terra decorrentes da reciclagem).

Os Quatro Terrenos e seus respectivos Doze Nichos representam a *ontologia* da Ecologia Integral: o "Que" do conhecimento. Agora, abordarei a *epistemologia* da Ecologia Integral: o "Quem" do conhecimento. A Ecologia Integral adota uma abordagem "participativa" – o conhecido nunca é compreendido separadamente do conhecedor, o observado sempre surge no contexto de um observador. Para compreender a complexidade dos espaços enagidos ou cocriados, vamos explorar cada polo (ontológico e epistemológico) separadamente. Após delinear os *Oito Eus Ecológicos* (ou *Ecoeus*) e suas respectivas epistemologias, focarei nos diversos *modos de investigação*: o "Como" do conhecimento. Esses modos conectam os Oito Ecoeus (epistemologia) aos Doze Nichos (ontologia). Somente após explorar o *Que*, o *Quem* e o *Como* podemos compreender a complexa teia quádrupla e a relação recursiva que existe entre esses três aspectos de todos os fenômenos ambientais.¹⁸

Os Oito Eus Ecológicos

A Ecologia Integral identifica pelo menos oito níveis básicos de desenvolvimento. Esses oito níveis contemporâneos surgem individual e coletivamente. O desenvolvimento não é um processo meramente progressivo, linear ou hierárquico. É um desenvolvimento complexo e holárquico. Assim, a Ecologia Integral identifica Oito Eus Ecológicos a serem considerados em qualquer abordagem genuinamente Integral do meio ambiente. Os Oito Eus Ecológicos representam as várias perspectivas ecológicas que podem existir em todos os indivíduos. Os Eus são baseados nos "memes de valor" da *Spiral Dynamics Integral* (SDi) e na pesquisa de Ação-Investigação de Cook-Greuter e Torbert.¹⁹ Diferentes Eus Ecológicos tendem a gravitar em direção a diferentes ecologias. Os Eus Ecológicos abrangem os vários sistemas de valores que os indivíduos podem incorporar em relação ao mundo natural. Muitas pessoas incorporam múltiplos sistemas de valores, enquanto outras se identificam excessivamente com um único sistema de valores. Um número crescente de indivíduos com consciência Integral consegue se relacionar com todos os oito sistemas de valores a partir de uma perspectiva empática de profundidade e compreensão compartilhadas.

Os Oito Eus Ecológicos e suas correlações SDi/Cook-Greuter & Torbert são: o Guardiã (Roxo/Impulsivo), o Guerreiro (Vermelho/Oportunista), o Gestor (Azul/Diplomata), o Estrategista (Laranja/Especialista e Realizador), o Radical (Verde/Individualista), o Holista (Amarelo/Estrategista), o Ecologista Integral

(Turquesa/Mágico) e o Sábio (Coral/Unitivo). Devido à sua expressão mínima na literatura ambiental, o "Meme Bege da SDi não está representado. Cada Ecoeu possui uma maneira única de se relacionar com o mundo natural. Resumidamente: o Ecoguardião respeita a natureza; o *Ecoguerreiro* deseja conquistar a natureza (ou, em alguns casos, a cultura); o *Ecogestor* dedica-se à gestão da natureza a partir de uma perspectiva religiosa ou secular; o *Ecoestrategista* não apenas deseja gerir a natureza, mas também utilizá-la e, em muitos casos, explorá-la para obter algum tipo de lucro (geralmente capital); o *Ecorradical* deseja salvar a natureza para toda a humanidade e, geralmente, pelo seu valor intrínseco; o *Eco-holista* busca unir os múltiplos fluxos da natureza para que o sistema complexo consiga prosperar; o *Ecointegralista* celebra a natureza como holônica e honra todas as perspectivas ecológicas; o *Ecossábio* é "um com" a natureza.

Todos os oito Ecoeus têm pontos fortes e fracos. Todos possuem um etos ambiental adequado à sua visão de mundo e a capacidade de serem ecologicamente destrutivos. Um Ecoeu não é necessariamente mais ecologicamente amigável do que outro. Por exemplo, a sombra do Ecorradical (e.g., intimidar as pessoas por meio de culpa, vergonha e mensagens apocalípticas) é indiscutivelmente menos benéfica para uma ecologia sustentável do que a virtude do Ecogestor (e.g., aprovar e aplicar leis e fundar instituições para proteger o mundo natural). Distinguir entre a dignidade e o desastre de cada Eu Ecológico provê à Ecologia Integral uma estrutura matizada para analisar problemas ambientais. A Ecologia Integral honra todos os Oito Eus Ecológicos e cultiva a capacidade de incorporá-los, desidentificando-se da própria perspectiva preferida e percebendo as diferentes perspectivas dentro de si. Isso cria compreensão e ajuda o Ecologista Integral a aplicar meios hábeis.

Qualquer um dos Ecoeus pode ter uma experiência de pico de unidade, densa, sutil, causal ou não dual com Gaia. A distinção entre *estágios* de desenvolvimento e *estados* de consciência é crucial para navegar pela complexidade associada aos Oito Ecoeus e suas múltiplas formas de se relacionar com o mundo natural.

Todos os exemplos a seguir são meramente ilustrativos e não limitantes. Esses mapas de desenvolvimento apontam para distinções e qualidades importantes. Eles não têm a intenção de diluir a complexidade de cada abordagem. Muitas abordagens e seus proponentes habitam múltiplos locais da ontologia, epistemologia e metodologia. A Ecologia Integral não tem interesse em compartimentar ou restringir a natureza multifacetada de qualquer abordagem. Pelo contrário, está comprometida em identificar as vozes mais qualificadas para

falar em nome de sua realidade. Ao fazer isso, a Ecologia Integral pode coordenar melhor e construir pontes entre perspectivas divergentes, porém essenciais.

O Ecoguardião (*etos romântico*)

O *Ecoguardião* adota uma abordagem da "Nova Era" para o meio ambiente. Aqui, o foco está no retorno ao paraíso ecológico perdido. Às vezes, a "queda" da graça ecológica é associada à horticultura (alguns Ecologistas Profundos), à agricultura (algumas Ecofeministas) ou à industrialização (alguns Ecologistas Sociais). O *Ecoguardião* geralmente enfatiza a magia ou forças invisíveis. Essa abordagem é bem "tribal", pois dá importância aos costumes ancestrais; crenças animistas comumente estão presentes, os costumes são importantes e rituais cerimoniais e ritos de passagem servem como forma de conexão com o mundo natural. Há um apelo ao mistério da natureza, especialmente por meio de sinais e presságios. Os conselhos, especialmente os de anciões, e os vínculos de linhagem são respeitados. A liderança é frequentemente baseada na idade. Xamãs e bruxas são vistos como os guardiões do mundo do espírito/natureza.

Exemplos do *Ecoguardião* incluem aspectos de: grupos da Deusa da Terra, como Starhawk²⁰ e Sjoon;²¹ culto à natureza, como Albanese;²² Totemismo à la Lévi-Strauss;²³ ecorrituais, conforme delineados por Brodley²⁴ ou Foster;²⁵ Wicca;²⁶ perspectivas de paraíso perdido;²⁷ apropriação cultural de práticas indígenas;²⁸ e algumas formas de Ecologia Profunda²⁹ e Ecofeminismo.³⁰

O Ecoguerreiro (*etos heroico*)

O *Ecoguerreiro* adota uma abordagem heroica em relação ao meio ambiente. Aqui, o foco está na afirmação do eu sobre o sistema ou a natureza. Frequentemente, há uma atitude de "que se dane o resto". Geralmente, a ênfase é colocada na obtenção de poder e em não se restringir ou se prender a nada. Há, muitas vezes, um desejo por respeito e uma admiração pela "Lei da Selva" e pela "Natureza violenta e implacável". A impulsividade e a busca por recompensa imediata impulsionam esse sistema de valores. Líderes são estabelecidos pelo poder e pela força. Uma aura de masculinidade alimenta imagens heroicas de um indivíduo contra tudo. A brutalidade é enfatizada, com os grupos frequentemente apresentando características de gangues. O tipo de conhecimento valorizado nesse sistema é o de "mãos à obra", o de "sobrevivência" e o de habilidades "de rua".

Diversos tipos de disputas territoriais são comuns para o Ecoguerreiro, que sente pouca ou nenhuma culpa.

Exemplos do Ecoguerreiro incluem aspectos de: Earth First!;³¹ Monkey Wrenching;³² ecossabotagem;³³ ecoterrorismo;³⁴ o alpinista estoico;³⁵ esportes radicais como mountain bike, rafting e escalada em rocha;³⁶ caça esportiva e de troféus;³⁷ mentalidades de fronteira;³⁸ habilidades de sobrevivência;³⁹ moradias isoladas;⁴⁰ Darwinismo Social;⁴¹ e o "eu desejoso-impulsivo" de Warwick Fox.⁴²

O Ecogestor (*etos gerencial*)

O *Ecogestor* adota uma abordagem gerencial para o meio ambiente. Aqui, o foco está em manter a ordem e seguir as leis, sejam elas divinas ou humanas. São aplicados princípios de uma vida correta. Existe uma ordem que deve ser mantida para preservar a harmonia e a estabilidade. A natureza é gerida adequadamente agora para que seus benefícios sejam mantidos no futuro. As pessoas seguem a autoridade superior e cumprem as regras e regulamentos para evitar punições. Existe um senso de dever em fazer o que é certo (de acordo com a autoridade). Os líderes são aqueles que têm mais antiguidade ou que ocupam posição que lhes é de direito. Honra e obediência são atributos valorizados. Justiça e equidade são concedidas àqueles que seguem as regras. Frequentemente, os indivíduos assumem um tom moralista.

Exemplos do Ecogestor incluem aspectos de: a Terra vista como Jardim do Éden;⁴³ etos puritano;⁴⁴ Escoteiros e Bandeirantes;⁴⁵ Agência de Proteção Ambiental;⁴⁶ legislação ambiental;⁴⁷ fiscalização de caça e pesca;⁴⁸ Parques Nacionais e Estaduais;⁴⁹ gestão da vida selvagem;⁵⁰ Lei das Espécies Ameaçadas de Extinção;⁵¹ Ducks Unlimited;⁵² e National Audubon Society.⁵³

O Ecoestrategista (*etos racional*)

O *Ecoestrategista* adota uma abordagem racional em relação ao meio ambiente. Aqui, o foco está no uso da tecnologia para melhorar o padrão de vida. O progresso é enfatizado e a "boa vida" é buscada. Valoriza-se a autonomia e a independência. A vida é um jogo para ser jogado e vencido. A conquista financeira é a medida do sucesso. Para o Ecoestrategista, existe o desejo de tornar as coisas melhores e de usar a competição para alcançar esse objetivo. A ciência é altamente valorizada e os direitos universais são enfatizados. Uma visão oportunista do futuro é abraçada. A mão invisível da economia é respeitada.

Exemplos do Ecoestrategista incluem aspectos de: Capitalismo Natural;⁵⁴ Conservacionismo;⁵⁵ Ressourcismo;⁵⁶ Visão de Mundo Lockeana;⁵⁷ a ciência da ecologia;⁵⁸ Ética Deontológica;⁵⁹ planejamento urbano;⁶⁰ perspectivas utilitaristas;⁶¹ Pragmatismo Ambiental;⁶² Psicologia Ambiental;⁶³ abordagens comportamentais;⁶⁴ agricultura industrial;⁶⁵ e o "eu racionalizador-decisório" de Warwick Fox.⁶⁶

O Ecorradical (*etos igualitário*)

O *Ecorradical* adota uma abordagem pós-moderna em relação ao meio ambiente. Aqui, o foco está na libertação de todos os seres humanos e animais da ganância e da dominação. O Ecorradical se compromete a promover a comunidade e a união, bem como a compartilhar recursos, transcendendo as divisões de classe, gênero e raça. Busca explorar a interioridade de outras pessoas e seres, e conectar-se com o Espírito. O consenso é valorizado como forma de tomar decisões e evitar mágoas. A participação é valorizada e o trabalho em equipe é enfatizado. Espera-se responsabilidade social e respeito ao politicamente correto. Sensibilidade e tolerância são prezadas. Geralmente, a comunidade vem antes do indivíduo. O ativismo social engajado é utilizado para superar hierarquias opressivas e estruturas de poder.

Exemplos do Ecorradical incluem aspectos de: Ecologia Profunda;⁶⁷ Ecofeminismo;⁶⁸ Ecologia Social;⁶⁹ Direitos dos Animais;⁷⁰ Biocentrismo;⁷¹ Ecocentrismo;⁷² Ecopsicologia;⁷³ Justiça Ambiental;⁷⁴ política verde;⁷⁵ Ecofenomenologia de David Abrams;⁷⁶ análise de conceitos históricos;⁷⁷ Biorregionalismo;⁷⁸ vários profetas da desgraça e abordagens apocalípticas;⁷⁹ e a construção social da natureza.⁸⁰

O Eco-holista (*etos holista*)

O *Eco-holista* aborda o meio ambiente a partir de uma perspectiva holístico-complexa. Aqui, o foco está nos sistemas dinâmicos que se sobrepõem em qualquer situação dada. Verdades conflitantes são simultaneamente mantidas. Para o Eco-holista, há uma demanda por sistemas flexíveis e abertos que permita que toda a gama da realidade se expresse. A natureza é vista como tendo uma variedade de escalas em que múltiplos processos podem ser integrados. Há uma ênfase existencial em *ser* e na responsabilidade pessoal. Hierarquias são substituídas por holarquias. A liderança é concedida àqueles que conseguem abarcar múltiplas

perspectivas. A diversidade de pessoas e pontos de vista é celebrada em seus próprios termos. O Eco-holista honra o valor de todas as perspectivas. Múltiplas visões de "grande quadro" são acolhidas para gerar significado. Meios hábeis são utilizados para manter o fluxo no âmbito dos sistemas e para encontrar as pessoas onde elas estão. Interações sistêmicas complexas são compreendidas. O caos e a complexidade são valorizados, e os paradoxos são acolhidos. Capacidades não lineares são cultivadas. A transparência torna-se essencial. Há pouca ansiedade ou medo e uma reduzida busca por status e poder.

Exemplos do Eco-holista incluem aspectos de: as Três Ecologias de Félix Guattari;⁸¹ a Nova Cosmologia;⁸² a Noosfera de Teilhard de Chardin;⁸³ a Hipótese Gaia;⁸⁴ a Ecologia da Mente de Gregory Bateson;⁸⁵ as ciências sistêmicas do Caos e da Complexidade;⁸⁶ o Pós-Modernismo Ecológico de Charlene Spretnak;⁸⁷ a Ética da Terra de Aldo Leopold;⁸⁸ o desenvolvimento sustentável;⁸⁹ o Pensamento Complexo de Edgar Morin;⁹⁰ a Agricultura Biodinâmica;⁹¹ o Despertar da Terra de Duane Elgin;⁹² a aplicação da obra de Jean Gebser à ética ambiental por Kealey;⁹³ a Ecologia de Processos;⁹⁴ a Teologia da Libertação de Leonardo Boff;⁹⁵ e o "eu normativo-crítico" de Warwick Fox.⁹⁶

O EcoinTEGRALISTA (*etos inclusivo*)

O *Ecointegralista* aborda o meio ambiente a partir de uma perspectiva holônica. Aqui, o foco está tanto no eixo vertical quanto no eixo horizontal da realidade, considerando todas as entidades vivas e suas respectivas perspectivas. O eu é visto como parte de um todo consciente maior. Redes globais são importantes e o sistema vivo inteiro é valorizado. Padrões do todo são vivenciados. A responsabilidade é para com o todo/parte, acima de interesses egoicos/individuais ou grupais/coletivos. O pensamento multidimensional (ou seja, sistemas de sistemas) ocorre. O holismo é compreendido como um fenômeno interativo onde a participação cocria o todo. Realidades transpessoais tornam-se mais acessíveis. Para o Ecologista Integral, a importância do desenvolvimento psicológico deve ser enfatizada. A macrogestão também é enfatizada. Metateorias são usadas para lidar com a complexidade. Redes e interconexões em toda a Terra são valorizadas. A consciência global é incentivada. Uma ampla gama de interesses abunda em um esforço para compreender a qualidade multivalente da realidade. O Ecologista Integral tem um senso de pertencimento ao universo e uma consciência dos múltiplos fluxos (e.g., evolutivo, caótico, conceitual) no âmbito dos processos naturais, tanto ecológicos quanto sociológicos. Essa estrutura de valores honra a complexidade de numerosos sistemas que se interpenetram.

Algumas das principais diferenças entre o Eco-holista e o EcoinTEGRALISTA são: o último utiliza o pensamento/sentimento multidimensional (sistemas de sistemas) sem analisar as realidades de um sistema por meio das realidades de outro, enquanto o primeiro tende a utilizar apenas um ou dois sistemas, geralmente por meio de uma estrutura interobjetiva. Um EcoinTEGRALISTA adota uma perspectiva participativa, não representacional (ou seja, pós-metafísica), enquanto o Eco-holista tenta mapear o mundo com mais precisão por meio de modelagem. Os Eco-holistas observam os mapas que criam, enquanto os EcoinTEGRALISTAS se inserem no mapa. Um EcoinTEGRALISTA está plenamente consciente de que as soluções atuais podem contribuir para problemas futuros de formas que ele não consegue imaginar ou reconhecer, enquanto o Eco-holista tende a acreditar que sua perspectiva é a melhor solução para o problema. Um EcoinTEGRALISTA inclui a interioridade (experiência e cultura) em todos os níveis dos seres sencientes, enquanto o Eco-holista frequentemente restringe a interioridade aos animais "superiores". O EcoinTEGRALISTA utiliza ou valoriza todas as oito famílias metodológicas para revelar a realidade, enquanto o Eco-holista valoriza apenas algumas. O EcoinTEGRALISTA não apenas reconhece que as coisas estão piorando ecologicamente (ou seja, destruição planetária), mas também que estão melhorando (ou seja, proteção e conscientização planetária), enquanto o Eco-holista enfatiza apenas um dos polos desse aparente paradoxo. Os EcoinTEGRALISTAS buscam e valorizam o paradoxo, enquanto os Eco-holistas tentam explicá-lo. O compromisso inabalável do EcoinTEGRALISTA com a biosfera está fundamentado no reconhecimento da vacuidade de todos os fenômenos: eles reconhecem a teosfera como transcendendo e incluindo a noosfera e a biosfera, enquanto o Eco-holista geral identifica-se apenas com a fisiosfera (matéria), a biosfera (vida) e a noosfera (mente).

Exemplos de EcoinTEGRALISTA incluem: o "Caminho do Meio" do Butão para o desenvolvimento;⁹⁷ o trabalho de Brian Tissot com a pesca marinha no Havaí;⁹⁸ a filosofia ambiental de Michael Zimmerman;⁹⁹ o ecoativismo de Darcy Riddell na Floresta Tropical Great Bear do Canadá;¹⁰⁰ a Geografia Integral de Brian Eddy;¹⁰¹ a análise de Cameron Owens sobre a redução de resíduos em Calgary;¹⁰² a medicina ambiental de Joel Kreisberg;¹⁰³ o Ecodesign Integral de Kevin Snorf;¹⁰⁴ o Desenvolvimento Comunitário Integral de Gail Hochachka;¹⁰⁵ a análise de Wade Prpich sobre o padrão orgânico do Canadá;¹⁰⁶ a transformação de mercado de David Johnston no Alameda County Califórnia (em breve); e o "placemaking" de Ian Wight.¹⁰⁷

O Ecosábio (*etos unitivo*)

O *Ecosábio* aborda o meio ambiente a partir de uma perspectiva transpessoal autêntica que transcende e inclui os Ecoeus anteriores. Assim, como discutido acima, ser um Ecosábio exige mais do que atingir experiências de pico de união com o mundo natural. Aqui, o foco está nas formas sutis de conexão com os reinos natural e humano. Há uma capacidade ampliada de autoidentificação com aspectos ou membros dos mundos natural e humano. Uma variedade de estados de união são vivenciados com Gaia em suas manifestações densas, sutis e causais. Para o Ecosábio, pode haver a experiência com seres do domínio sutil, tanto do plano terrestre (e.g., elementais e espíritos da natureza) quanto de outras dimensões (e.g., o domínio arquetípico). O Ecosábio possui um profundo compromisso com todos os seres sencientes (visíveis e invisíveis) e uma capacidade ampliada de trabalhar com os sistemas energéticos dos planos manifesto, sutil e causal.

Exemplos do Ecosábio incluem aspectos de: Transcendentalismo;¹⁰⁸ *Urpflanze* de J.W. Goethe;¹⁰⁹ Cântico do Irmão Sol de São Francisco de Assis;¹¹⁰ O Eu Econoético de Ken Wilber;¹¹¹ O Eu Ecológico de Joanna Macy;¹¹² A Mente de Espécie de Chris Bache;¹¹³ alguns Neopagãos;¹¹⁴ Ativismo Espiritual Não Dual;¹¹⁵ Agricultura Natural de Masanobu Fukuoka;¹¹⁶ Ecologia Não Dual de McClellan;¹¹⁷ e o "eu transpessoal-ecológico" de Warwick Fox.¹¹⁸

Existem inúmeras pessoas ou abordagens que muitos tenderiam a incluir na lista acima. Por exemplo: Black Elk;¹¹⁹ a Espiritualidade da Criação de Matthew Fox;¹²⁰ a Psicologia Verde de Ralph Metzner;¹²¹ as Visões de Ayahuasca;¹²² o Xamanismo;¹²³ as Jornadas de Visão;¹²⁴ e a Jardinagem Deva,¹²⁵ para citar apenas algumas. Essas pessoas e abordagens incluem muitas qualidades, percepções e dimensões "espirituais" extremamente importantes, consideradas essenciais para a Ecologia Integral. Qualquer um dos Ecoeus pode experimentar estados alterados de consciência. Na verdade, como já mencionado, cada Ecoeu tem acesso a experiências densas, sutis, causais e não duais do mundo natural. No entanto, eles interpretarão esses estados não ordinários de acordo com seu "centro de gravidade" de desenvolvimento psicológico. A distinção reside no fato de que o Ecosábio representa uma capacidade estabilizada de vivenciar dimensões transpessoais e as capacidades distintivas dos outros Ecoeus. Como resultado, existem pelo menos 32 variedades distintas de misticismo da natureza – das quais apenas quatro estão associadas ao Ecosábio.

Os exemplos fornecidos para cada Eu Ecológico não são fixos. Quase qualquer exemplo fornecido para qualquer Ecoeu pode ser encontrado em vários níveis. Por

exemplo, a retórica da Ecologia Profunda, listada como um exemplo sob o Ecorradical, pode ser usada para apoiar e justificar rituais neopagãos (valores Roxos), sabotagem ambiental (valores Vermelhos), legislação ambiental (valores Azuis), capitalismo verde (valores Laranja) e ativismo social (valores Verdes). A Ecologia Profunda, assim como os outros exemplos, tende a abraçar ou expressar um dos oito Ecoeu mais do que os outros. Isso não nega os muitos "campos" ou variações no âmbito de qualquer escola de pensamento, especialmente considerando que os indivíduos podem usar a retórica de um sistema de valores para apoiar o seu próprio. Em outras palavras, os Oito Eus Ecológicos correspondem a níveis de desenvolvimento psicológico comprovados por pesquisa; a classificação depende da motivação psicológica interior e dos sistemas de valores, não do comportamento exterior.

À medida que os indivíduos evoluem para ondas de existência mais complexas, eles incorporam as ondas anteriores e, idealmente, têm acesso a todas elas. Conforme um indivíduo assimila novos sistemas de valores, aspectos das estruturas de valores anteriores permanecem disponíveis quando sua expressão é apropriada. Conseqüentemente, as pessoas frequentemente contêm múltiplas estruturas de valores dentro de si, mas se identificam principalmente com uma delas.

Oito Boas Razões para Reciclar

Diferentes níveis de identidade ecológica podem sustentar o mesmo comportamento. Portanto, é difícil determinar as motivações de um indivíduo com base em comportamentos exteriores. Exploraremos a motivação hipotética de cada um dos Oito Eus Ecológicos para reciclar.

Utilizando a estrutura dos Oito Eus Ecológicos, é possível demonstrar uma variedade de conjuntos de valores e disposições motivadoras que sustentam uma única ação, como a reciclagem. Abaixo, seguem breves afirmações que elucidam simbolicamente cada Ecoeu e que servem como ilustração dos tipos de motivações que podem sustentar um determinado comportamento.

Os *Ecoguardiões* são motivados a reciclar porque isso é visto como um ritual para manter os espíritos ou forças da natureza satisfeitos. Se não reciclarem, correm o risco de criar desordem no misterioso equilíbrio das coisas.

Os *Ecoguerreiros* recusam-se a reciclar, porque veem a reciclagem como uma forma de controlar a própria vontade; ou reciclam como um ato de heroísmo na

luta pela salvação da Terra. Independentemente de reciclarem ou não, eles se consideram perdedores na batalha contra o poderio industrial.

Os *Ecogestores* são motivados a reciclar porque sentem que é seu dever, seja para com Deus ou para com o Estado. Se não reciclarem, estarão sujeitos a medidas punitivas por parte das autoridades ou sentirão culpa por colocar em risco a ordem do sistema.

Os *Ecoestrategistas* são motivados a reciclar porque isso faz sentido a longo prazo. Conserva recursos para consumo futuro e, portanto, sustenta o lucro. Se não reciclarem, perderão a oportunidade de economizar ou ganhar dinheiro.

Os *Ecorradicais* são motivados a reciclar porque é bom para a comunidade e para o planeta. Economiza recursos, o que pode ajudar a resolver desequilíbrios sociais e econômicos. Se não reciclarem, enfrentarão consequências apocalípticas que equivalem a ecocídio.

Os *Eco-holistas* são motivados a reciclar como forma de manter as energias da Terra em fluxo dinâmico. Para eles, a reciclagem faz sentido sistêmico e é vista como parte de complexos mecanismos de retroalimentação. Se não reciclarem, isso poderá produzir resultados sistêmicos desastrosos e imprevisíveis.

Os *Ecointegralistas* são motivados a reciclar porque é importante para a Terra, para a humanidade, para o Estado, para os membros da comunidade e para si mesmos. Aqui, a reciclagem é um ato de sinergia dinâmica que é realizado por múltiplas razões, até mesmo contraditórias. Se não reciclarem, isso pode perturbar a harmonia natural, cultural, social e pessoal.

Os *Ecossábios* são motivados a reciclar porque para eles é um ato belo e justo que simplesmente flui do seu ser. Se não reciclam, sentem dor como se tivessem violado seu próprio corpo.

Esses exemplos simplistas ilustram que diferentes visões de mundo compreendem e respondem às questões ambientais por razões completamente distintas, de forma que devemos considerar interiores individuais e culturais ao buscarmos soluções viáveis para problemas ambientais complexos. É ineficaz impor os valores de uma visão de mundo sobre outra: não se pode convencer um Ecoestrategista a reciclar pelas mesmas razões que um Ecorradical. Em vez disso, devemos traduzir o significado de um conjunto de valores para outro, de modo que os termos de uma perspectiva possam ser assimilados em outra. A tradução só começa a ocorrer em um nível Integral de desenvolvimento psicológico, porque é a primeira visão de mundo capaz de abarcar múltiplas visões de mundo.

Consequentemente, o Ecologista Integral está em uma posição singular para contribuir com a resolução de problemas ambientais, especialmente quando envolve diversas partes interessadas (com diferentes níveis de desenvolvimento).

Os Oito Modos Ecológicos

Algumas metodologias são mais adequadas para revelar certos domínios do que outras. Para que os diversos Ecoeus examinem qualquer um dos Doze Nichos da realidade, eles devem empregar uma metodologia específica. A Ecologia Integral reconhece que existem pelo menos *Oito Modos Ecológicos* pelos quais podemos conhecer nosso ambiente. Os Oito Modos Ecológicos representam as principais famílias metodológicas que os indivíduos (e suas respectivas visões de mundo) podem utilizar. Os métodos são nomeados de uma maneira particular, com base na definição fornecida e nos exemplos dados; esse uso difere em pequenos detalhes de como esses termos são usados em outros contextos.¹²⁶

Terreno da Experiência

No Terreno da Experiência, o Estruturalismo e a Fenomenologia são dois modos principais de investigação, ambos com importantes aplicações para a ecologia. O *Estruturalismo* examina a experiência subjetiva de fora e mapeia os estágios de desenvolvimento de realidades interiores (isto é, uma perspectiva de terceira pessoa sobre as realidades de primeira pessoa de um indivíduo). O trabalho ambiental do psicólogo Peter Kahn é um ótimo exemplo dele,¹²⁷ assim como a pesquisa que está sendo conduzida no campo da consciência animal.¹²⁸ Outros pesquisadores estão aplicando as descobertas do psicólogo de Harvard, Robert Kegan,¹²⁹ a questões ambientais.¹³⁰

Por outro lado, a *Fenomenologia* examina a experiência subjetiva de dentro e relata as qualidades sentidas à medida que surgem na consciência imediata (ou seja, uma perspectiva de primeira pessoa sobre as realidades de primeira pessoa de um indivíduo). O trabalho de David Abram, que liga Merleau-Ponty à ecologia, é um exemplo bem conhecido.¹³¹ Além disso, Andy Fisher baseia-se fortemente na tradição da fenomenologia.¹³² Recentemente, a Ecofenomenologia emergiu como um campo distinto.¹³³ Grande parte da Ecopsicologia e da Ecologia Profunda fundamenta-se no modo da experiência sentida. Há também algumas pesquisas muito interessantes sobre as percepções de animais e plantas.¹³⁴

Terreno da Cultura

No Terreno da Cultura, a Antropologia Cultural e a Hermenêutica são dois modos principais de investigação, ambos com importantes aplicações para a ecologia. A *Antropologia Cultural* examina as culturas de fora e mapeia os aspectos desenvolvimentais ou estruturais das realidades interiores compartilhadas (isto é, uma perspectiva de terceira pessoa sobre as realidades de primeira pessoa do plural de um coletivo). O livro *Awakening Earth*, de Duane Elgin, apresenta o desdobramento de visões de mundo ambientais.¹³⁵ Grande parte do trabalho em Antropologia Ambiental também emprega esse método.¹³⁶ Algumas Ecofeministas usam esse método para comparar conceitos como natureza, corpo e mulher.¹³⁷

Por outro lado, a *Hermenêutica* analisa as culturas de dentro, e a ressonância mútua e o significado compartilhado que ocorrem entre indivíduos ou seres (ou seja, uma perspectiva de primeira pessoa do plural sobre as realidades de primeira pessoa do plural de um coletivo). A importante obra de Edward Casey sobre "lugar" ilustra esse modo.¹³⁸ O volume editado por Steeves sobre *Outros Animais* emprega a hermenêutica no contexto da conexão entre espécies.¹³⁹ Muitas explorações do conceito de natureza ou área selvagem utilizam a hermenêutica.¹⁴⁰ A exploração da tecnologia e do "mundo da vida" por Keller baseia-se na teoria da ciência de Hans-Georg Gadamer para propor uma "hermenêutica ecológica".¹⁴¹ Van Buren aplica a hermenêutica filosófica à ética ambiental e propõe uma "hermenêutica ambiental crítica".¹⁴² Mugerauer e Basso exploram a relação hermenêutica entre paisagem e linguagem.¹⁴³ Outras abordagens que utilizam a hermenêutica incluem: o projeto de Harvard sobre Religião e Ecologia;¹⁴⁴ o estudo de Sistemas de Conhecimento Tradicional;¹⁴⁵ Ética Ambiental;¹⁴⁶ e a Ciência Goethiana.¹⁴⁷

Terreno do Comportamento

No Terreno do Comportamento, o Empirismo e a Teoria da Autopoiese são dois importantes modos de investigação, ambos com aplicações relevantes para a ecologia. O *Empirismo* examina o comportamento de fora e baseia-se nos sentidos, especialmente na visão, e em suas extensões (como microscópios e telescópios) para registrar dados (ou seja, uma perspectiva de terceira pessoa sobre as realidades de terceira pessoa de um indivíduo). As ciências "duras" – biologia, zoologia, botânica, química – aplicam predominantemente o empirismo. Outras abordagens que utilizam esse modo de investigação incluem: o ecoturismo, um indivíduo envolvido em bioconstrução, eficiência energética e a análise de comportamentos ambientais, como reciclagem e compra de produtos "verdes".

Por outro lado, a *Teoria da Autopoiese* examina o comportamento de dentro (ou seja, uma perspectiva de primeira pessoa sobre as realidades de terceira pessoa de um indivíduo) e está predominantemente associada ao trabalho do cientista chileno Francisco Varela e sua atuação nas áreas da ciência cognitiva e da biofenomenologia.¹⁴⁸ Essa abordagem é relativamente nova e está sendo desenvolvida por muitos pesquisadores inspirados pelas ideias pioneiras de Varela.¹⁴⁹

Terreno dos Sistemas

No Terreno dos Sistemas, a Teoria de Sistemas e a Teoria da Autopoiese Social são dois modos principais de investigação – ambos têm aplicações importantes para a ecologia. A *Teoria de Sistemas* examina os sistemas de fora, concentrando-se em como as partes se encaixam em um todo dinâmico complexo (ou seja, uma perspectiva de terceira pessoa sobre as realidades de terceira pessoa de um coletivo). A maioria das abordagens da ecologia (e.g., ecologia populacional, ecologia comunitária, ecologia da conservação, ecologia de ecossistemas e ecologia da paisagem) emprega esse método.¹⁵⁰ As ciências de sistemas, como a Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig Von Bertalanffy¹⁵¹ e a teoria dos sistemas de desenvolvimento de Susan Oyama, também empregam esse método.¹⁵²

Por outro lado, a *Teoria da Autopoiese Social* examina os sistemas de dentro (ou seja, uma perspectiva de primeira pessoa de realidades de terceira pessoa de um coletivo). Essa metodologia foi desenvolvida predominantemente pela aplicação da autopoiese ao estudo de sistemas sociais por Niklas Luhmann¹⁵³ e é explorada por Geyer e Zouwen em seu trabalho sobre Sociocibernética.¹⁵⁴

Cada uma dessas oito famílias metodológicas ou modos de conhecer contém injunções ou práticas específicas que os pesquisadores aplicam para estudar o tema escolhido. Cada metodologia proporciona um acesso único a aspectos da realidade. Não se pode, por exemplo, descobrir as realidades comportamentais de uma rã-de-pernas-vermelhas usando a fenomenologia – somente métodos empíricos podem informar sobre o comportamento dessa rã. Da mesma forma, a observação empírica não revelará realidades fenomenológicas, mas isso não significa que a rã não tenha alguma experiência interior de percepção e consciência.

Os Oito Métodos para Compreender a Reciclagem

Para ilustrar a aplicação dos Oito Ecomodos, explico como cada família metodológica contribui para uma compreensão abrangente da reciclagem. É claro que mais detalhes poderiam ser ditos sobre cada método. No entanto, esta breve visão geral deve ajudar a elucidar os diversos métodos.

Métodos *fenomenológicos* podem ser usados para enagir, revelar e elucidar aspectos *subjetivos* da reciclagem, como a experiência sensorial de realidades somáticas, dinâmicas psicológicas e experiências espirituais de indivíduos envolvidos com a reciclagem.

Métodos *estruturalistas* podem ser usados para enagir, revelar e elucidar aspectos *subjetivos* da experiência de reciclagem, como os padrões e estágios sequenciais da experiência para diferentes indivíduos ao reciclarem.

Métodos *hermenêuticos* podem ser usados para enagir, revelar e elucidar aspectos *intersubjetivos* da reciclagem, como os vários sistemas de significado (culturais, religiosos, filosóficos) que se manifestam por meio da reciclagem e a orientam.

Métodos *antropológicos culturais* podem ser usados para enagir, revelar e elucidar aspectos *intersubjetivos* da reciclagem, como os padrões e os motivos pelos quais diversas culturas, histórica e atualmente, reutilizam produtos.

Métodos *empíricos* podem ser usados para enagir, revelar e elucidar aspectos *objetivos* dos comportamentos de reciclagem, como as atividades envolvidas na reciclagem por indivíduos em todas as etapas do processo.

Métodos *autopoiéticos* podem ser usados para enagir, revelar e elucidar aspectos *objetivos* da reciclagem, como os comportamentos autônomos de reciclagem de indivíduos que interagem com seu ambiente.

Métodos *sistêmicos* podem ser usados para enagir, revelar e elucidar aspectos *interobjetivos* da reciclagem, como seus benefícios ecológicos e a forma como ela conserva fluxos de energia, bem como as dimensões políticas, econômicas e legais da reciclagem.

Métodos *autopoiéticos sociais* podem ser usados para enagir, revelar e elucidar aspectos *interobjetivos* da reciclagem, como forças institucionais e formas de comunicação no âmbito de múltiplos sistemas que se autorregulam para prevenir ou promover que uma sociedade recicle materiais.

Com muita frequência, nas abordagens ao meio ambiente, uma metodologia é privilegiada e usada agressivamente para negar a existência de realidades acessadas por outros modos. Não basta simplesmente mencionar ou honrar as realidades associadas às diferentes metodologias, sem de fato utilizar o modo de investigação apropriado para revelar essas realidades. Por exemplo, este artigo aborda apenas uma descrição em terceira pessoa das realidades em primeira, segunda e terceira pessoas associadas aos ecossistemas e seus membros, e não substitui o emprego de métodos para vivenciar, conhecer e explorar diretamente dimensões em primeira e segunda pessoas.

A Ecologia Integral defende que todos os modos de conhecimento ecológico, por sua contribuição insubstituível, sejam reconhecidos para uma compreensão mais completa dos fenômenos ambientais, e que o maior número possível de modos seja usado conscientemente em qualquer projeto. Por exemplo, se alguém deseja organizar um projeto de restauração de um córrego, seu sucesso aumentará em proporção direta ao número de modos considerados e incluídos. Se o comitê do projeto usar apenas os métodos do Empirismo e da Teoria de Sistemas para tomar decisões, ele não será tão sustentável quanto um projeto que também aplique métodos da Hermenêutica, do Estruturalismo, da Teoria da Autopoiese e assim por diante. A sustentabilidade ecológica aumenta radicalmente quando empregamos mais modos de conhecimento ecológico (e continua a aumentar à medida que consideramos e incluímos mais Nichos e Ecoeus). A sustentabilidade aumenta porque quanto mais da realidade reconhecemos e incorporamos em um projeto, mais ele responderá à complexidade dessa realidade. Não se pode ignorar dimensões importantes da realidade (e.g., psicológicas ou econômicas) na resolução de problemas ambientais e esperar resultados duradouros. Em algum momento, as realidades excluídas exigirão reconhecimento e incorporação, à medida que o projeto falhar e for finalmente abandonado em favor de estratégias mais sutis e abrangentes. Portanto, a melhor maneira de alcançar a sustentabilidade e solucionar problemas com eficácia é reconhecer e incluir o máximo possível da realidade em nossos esforços. Daí a necessidade de uma abordagem Integral para responder adequadamente aos complexos problemas ecossociais da atualidade. A Ecologia Integral reconhece que o uso da Teoria Integral é, em si, uma abordagem metametodológica (utilizando oito famílias metodológicas distintas) que gera compreensão e experiência "Integrais" particulares do Kosmos.

Em resumo, a Ecologia Integral utiliza três conceitos que se complementam: os *Doze Nichos* de interesse ecológico, os *Oito Ecoeus* e os *Oito Modos* de conhecimento ambiental. Esses três componentes constituem os pilares do cadinho

participativo, onde a epistemologia se conecta à ontologia por meio da metodologia. Em outras palavras, os diversos Ecoeus empregam diferentes Modos de investigação para revelar, por meio de participação, os fenômenos associados aos Doze Nichos. Com base nessa compreensão triádica, a Ecologia Integral propõe uma plataforma de doze pontos.

Michael Zimmerman e eu criamos a plataforma a seguir para esclarecer o propósito e o compromisso da Ecologia Integral.¹⁵⁵ Esperamos que esta plataforma crie uma base comum para uma rica variedade de Ecologias Integrais, que possam estar a serviço de nossa jornada ao longo do século XXI.

Uma Plataforma da Ecologia Integral¹⁵⁶

Os Ecologistas Integrais reconhecem que as atitudes, comportamentos, instituições e práticas humanas geram problemas ambientais complexos em todo o mundo, em múltiplas escalas. Diante dessa situação, os Ecologistas Integrais adotam a seguinte plataforma como base para gerar a mais abrangente reflexão e ação.

1. Os Ecologistas Integrais utilizam as ferramentas conceituais da abordagem "todos os quadrantes, todos os níveis" da Teoria Integral para analisar, caracterizar e desenvolver soluções abrangentes para problemas ambientais.

2. Os Ecologistas Integrais reconhecem que existem muitas maneiras de honrar e incluir: quadrantes, níveis, linhas, estados, tipos e corpos (e.g., denso, sutil e causal).

3. Os Ecologistas Integrais examinam a natureza enagida dos fenômenos: *Que* parte da realidade está sendo observada? *Quem* está observando? *Como* essa observação está sendo feita?

4. Os Ecologistas Integrais reconhecem a capacidade de todas as perspectivas de revelar o mundo, bem como as metodologias que utilizam para investigar vários domínios da realidade.

5. Os Ecologistas Integrais estão familiarizados com *pele menos* alguma versão dos doze domínios da realidade, dos oito métodos de conhecimento e dos oito eus ecológicos.

6. Os Ecologistas Integrais situam quaisquer domínios, métodos ou perspectivas em que se especializam no âmbito da variedade de outros domínios, métodos e perspectivas pertinentes.

7. Os Ecologistas Integrais comprometem-se a coordenar e construir pontes entre vários domínios, métodos e perspectivas, especialmente no contexto de problemas ambientais específicos.

8. Os Ecologistas Integrais comprometem-se a aumentar sua capacidade de incorporar e adotar perspectivas adicionais para ajudar a desmontar a dinâmica "eu-outro" que envolve a maioria das questões ambientais.

9. Os Ecologistas Integrais dedicam-se a práticas transformadoras pessoais de longo prazo, que desenvolvem suas dimensões somática, emocional, psicológica e espiritual.

10. Os Ecologistas Integrais reconhecem que todas as formas de vida têm a capacidade de experienciar e perceber, bem como a capacidade de compartilhar horizontes de significado no âmbito de cada espécie e entre elas, mas que nem todas as formas de vida têm a mesma capacidade de fazê-lo.

11. Os Ecologistas Integrais asseveram uma ética de valor multidimensional que sugere que um indivíduo (humano ou não humano) ou um processo podem ter, simultaneamente, o mesmo valor, um valor maior ou um valor menor do que outro indivíduo ou processo, dependendo dos critérios utilizados.

12. Os Ecologistas Integrais afirmam o mistério supremo de todos os fenômenos como uma forma de evitar o apego a conceitualizações da realidade.

Conclusão

Existem inúmeras abordagens para o meio ambiente — filosóficas, espirituais, religiosas, sociais, políticas, culturais, comportamentais, científicas e psicológicas. Cada uma destaca um componente essencial, muitas vezes ignorando outras dimensões. Para superar essa fragmentação, a Ecologia Integral oferece uma estrutura abrangente por meio da qual essas abordagens podem se unir para se informar e se complementar de maneiras complexas e coerentes. A abordagem da Ecologia Integral cria uma mandala ambiental, uma ecologia de perspectivas, que valoriza não apenas os comportamentos físicos e os sistemas ecossociais, mas também os aspectos culturais e intencionais em todos os níveis de organização. A Ecologia Integral leva em conta as múltiplas visões de mundo no âmbito de indivíduos, comunidades e culturas, e suas perspectivas ambientais concomitantes, cada uma com seu lógos específico de entendimento mútuo. Além disso, a Ecologia Integral destaca que o meio ambiente e seus diversos nichos são revelados de maneira diferente dependendo do modo de investigação ou da metodologia

empregada para analisá-los. Como resultado, a Ecologia Integral identifica oito famílias metodológicas a serem utilizadas para um conhecimento abrangente de qualquer fenômeno ambiental.

A Ecologia Integral adota uma abordagem participativa da ecologia, reconhecendo que os fenômenos ambientais são o resultado de uma interação entre o conhecedor, o que é conhecido e como é conhecido. Somente ao tomarmos consciência do "Que", "Quem" e "Como" dos fenômenos ambientais podemos realmente integrar as múltiplas vozes que clamam por um mundo mais justo e ecologicamente amigável. Somente então podemos gerar soluções sustentáveis para problemas complexos e multidimensionais. Ao reconhecermos e honrarmos a natureza multivalente de nós mesmos, de nossas comunidades e de nosso meio ambiente, podemos trabalhar juntos, de forma eficaz, em busca de soluções sustentáveis. A Ecologia Integral está comprometida com a complexidade e a multidimensionalidade deste mundo em todo o seu esplendor misterioso.

Priorizamos soluções baseadas na compreensão mútua entre pontos de vista divergentes. Ao cultivarmos a capacidade de considerar outras perspectivas e acolher a multiplicidade, responderemos de forma mais completa do que as abordagens atuais, menos abrangentes, aos problemas complexos que nossas biorregiões enfrentam.

A Ecologia Integral oferece uma plataforma para múltiplas abordagens Integrais orientadas por diferentes premissas. O fio condutor entre essas abordagens Integrais, potencialmente distintas, é a reflexão sobre o *Que* estamos observando, *Quem* somos enquanto observamos e *Como* observamos. Ao refletirmos profundamente dessa forma, vislumbramos a esperança de superar as muitas divisões que nos separam e de construir um entendimento mútuo a serviço do meio ambiente. Que esse compromisso com a consciência reflexiva sirva à liberação e inclusão de todas as perspectivas para o bem do mundo natural e de seus habitantes.

Apêndice: Conceitos-chave da Teoria Integral

O texto a seguir apresenta um levantamento de termos e conceitos importantes usados na Teoria Integral. Para informações adicionais sobre a Teoria Integral, consulte a volumosa obra de Wilber.¹⁵⁷ Reconhecendo que muitos leitores não têm acesso a um conhecimento aprofundado dos escritos de Wilber, ofereço uma visão geral do panorama conceitual da Teoria Integral. Além disso, indico fontes para pesquisas adicionais que elucidem cada conceito. Para aqueles que já estão familiarizados com a Teoria Integral, este apêndice pode servir como um resumo útil dos principais componentes de uma visão Integral.

Integral

Eis a definição de Integral de Wilber (2000):

Integral: a palavra significa integrar, reunir, juntar, conectar, incluir. Não no sentido de uniformidade, e não no sentido de eliminar todas as maravilhosas diferenças, cores, zigue-zagues e nuances de uma humanidade em tons de arco-íris, mas no sentido de unidade na diversidade, de pontos em comum compartilhados juntamente com nossas maravilhosas diferenças. E não apenas na humanidade, mas no Kosmos em geral: encontrar uma visão mais abrangente – uma Teoria de Tudo – que dê espaço legítimo à arte, à moral, à ciência e à religião, e não tente simplesmente reduzi-las à fatia favorita de cada um da torta cósmica.¹⁵⁸

A Teoria Integral está comprometida em incluir a verdade em todas as suas variedades. A Teoria Integral adota uma posição de pluralismo epistemológico e ontológico que se esforça para apresentar a realidade em seus próprios termos, onde quer e como ela se manifeste nos domínios da consciência, da cultura, da sociedade e da natureza.

Vinte Princípios (Os Padrões Cósmicos)

Na obra *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* (SEE), Wilber delinea vinte princípios que considera "generalizações orientadoras" para o Kosmos.¹⁵⁹ Esses vinte princípios servem como estrutura para o modelo inteiro de Wilber; são os "padrões que conectam". Wilber expande a "Categoria do Derradeiro" de A. N. Whitehead, que possui três conceitos: criatividade, o muito e o uno.¹⁶⁰ Wilber adota essa fórmula de uma categoria derradeira (isto é, a categoria necessária para compreender todas as outras categorias), mas a representa como sendo dupla:

criatividade e hólón (muito/uno).¹⁶¹ Wilber também expressa essa dinâmica cósmica por meio de seu conceito de "transcender e incluir".¹⁶²

Wilber afirma que a realidade não é composta de todos ou partes, coisas ou processos, mas sim de todos/partes, que ele define como hólons, baseando-se na obra de Arthur Koestler.¹⁶³ Wilber formaliza essa percepção como seu primeiro princípio, o que indica a primazia que ele detém em relação aos dezenove princípios que se seguem. Wilber propõe que tudo é um hólón, simultaneamente todo e parte, desde organizações menos complexas (e.g., átomos, quarks e cordas) até organizações mais complexas (e.g., plantas, répteis, mamíferos e humanos). Cada coisa (parte) está inserida em um contexto de relacionamento (todo), que ele chama de "ação-em-comunhão". Existe uma relação um/muito presente em cada recanto do Kosmos, seja nas esferas individual e coletiva ou nas dimensões interior e exterior.¹⁶⁴ O primeiro princípio de Wilber é uma reformulação da percepção de Alfred North Whitehead de que o muito (partes) se torna um (todo) e o muito é aumentado de um (um novo nível de complexidade/concrescência).¹⁶⁵ Essa capacidade de incluir o que foi transcendido ou agrupado leva Wilber a desenvolver o conceito de *holarquia* de Koestler (em contraposição a hierarquia) como uma dinâmica fundamental de desdobramento e inclusão na evolução do Kosmos. Os vinte princípios podem ser resumidos em uma única frase: *o Kosmos é uma holarquia em evolução*.¹⁶⁶

Hólons

Em *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*, Wilber discute hólons *individuais* e *coletivos* em detalhes; todo o terceiro capítulo é dedicado ao assunto. Em outros livros (e.g., em *Psicologia Integral*), ele descreve dois outros tipos de hólons: *artefatos* e *amontoados*. Visto que o Kosmos, de acordo com a Teoria Integral, é composto de hólons, é importante esclarecer algumas das diferenças essenciais entre esses quatro tipos de hólons.

Um hólón, no sentido mais amplo, é "qualquer todo que seja parte de outro todo". Por exemplo, uma letra é parte de uma palavra, que é parte de uma frase, que é parte de um parágrafo, que é parte de um seção de um artigo. No entanto, a relação entre todo e parte significa algo muito diferente em relação a cada tipo de hólón. Os problemas que resultam da confusão entre esses tipos de hólons afetaram a teoria dos sistemas, a ecofilosofia, o holismo, a psicologia transpessoal e muitas das chamadas abordagens "integrais".¹⁶⁷ Hólons individuais e coletivos possuem consciência ou interiores, enquanto artefatos e "amontoados" não,

exceto na medida em que são compostos por, ou contêm, hólons individuais. Embora ambos os tipos de hólons possuam consciência, os hólons individuais têm uma mônada dominante (um centro de consciência ou percepção), enquanto os hólons coletivos têm um modo de discurso dominante e uma consciência distribuída (ou seja, "ação do nexa").

As complexidades dos hólons vão muito além do escopo desta breve introdução.¹⁶⁸ O uso que Wilber faz do conceito permite-lhe apresentar críticas contundentes a muitas abordagens contemporâneas do meio ambiente que, frequentemente, perpetuam inconscientemente os problemas que pretendem resolver.¹⁶⁹ Curiosamente, a abordagem de Wilber para os hólons compartilha muitas semelhanças importantes com a Teoria da Hierarquia, tal como empregada pelos ecologistas Allen e Starr, O'Neill e colegas, e Allen e Hoekstra, embora seja importante destacar que a Teoria da Hierarquia se concentra nos exteriores individuais e coletivos em detrimento dos interiores.¹⁷⁰

Todos os Quadrantes, Todos os Níveis

Frequentemente representada pela sigla AQAL (*all quadrants, all levels*), a assinatura característica de Wilber, "todos os quadrantes, todos os níveis", é uma abreviação para os múltiplos aspectos da realidade reconhecidos em uma abordagem Integral. No mínimo, os seguintes componentes devem ser considerados em qualquer situação: *todos os quadrantes* (ou seja, experiência, cultura, comportamento, sistemas); *todos os níveis* de desenvolvimento psicológico (e.g., pré-convencional, convencional, pós-convencional); *todas as linhas* de desenvolvimento psicológico (e.g., cognitiva, emocional, moral, cinestésica, psicosssexual); *todos os estados* de consciência (e.g., vigília, sonho, sono profundo, alterados, meditativos); e *todos os tipos* de personalidade (e.g., masculino e feminino ou os tipos de personalidade do Eneagrama).¹⁷¹ Os exemplos acima para níveis, linhas, estados e tipos são fornecidos a partir do quadrante da experiência, mas esses quatro elementos e seus respectivos exemplos podem ser encontrados em todos os quatro quadrantes.

A Teoria Integral postula que, se uma abordagem exclui qualquer um desses componentes (quadrantes, níveis, linhas, estados ou tipos), ela fica aquém de uma posição verdadeiramente Integral, mesmo que inclua mais do que outras abordagens. A tarefa da Teoria Integral é explorar formas de honrar todos esses aspectos do Kosmos em todas as situações. Cada aspecto faz parte de cada momento e surge em conjunto. Não há prioridade ontológica atribuída a nenhum

dos aspectos. Como quadrantes e níveis são os aspectos mais comumente usados na Teoria Integral, irei examiná-los com mais detalhes.

Quadrantes

Os quadrantes representam as quatro perspectivas fundamentais disponíveis a qualquer ser senciente. Eles expressam o simples reconhecimento de que tudo tem um interior e um exterior, e ambos possuem uma característica singular (individual) e plural (coletiva). Todos os hólons individuais (de átomos a humanos) possuem interiores (alguma forma de experiência subjetiva), bem como exteriores (diversos comportamentos e componentes fisiológicos). Além disso, os indivíduos nunca estão sozinhos, mas também são membros de coletivos, que também possuem interiores (realidades culturais) e exteriores (sistemas ecossociais). Essas quatro dimensões são representadas como: interiores individuais (Quadrante Superior Esquerdo: QSE), exteriores individuais (Quadrante Superior Direito: QSD), interiores coletivos (Quadrante Inferior Esquerdo: QIE) e exteriores coletivos (Quadrante Inferior Direito: QID). Os quatro quadrantes podem ser denominados, respectivamente, intencional (experiential), comportamental, cultural e social. Esse compromisso abrangente é representado na Figura 3 abaixo, que destaca os quadrantes.

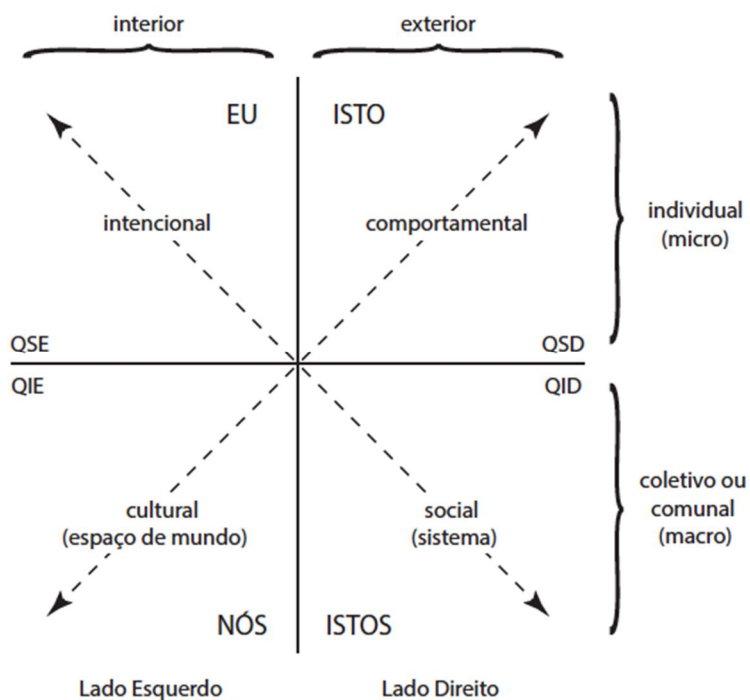


Figura 3. Os Quatro Quadrantes

Os quatro quadrantes também são citados como as quatro dimensões: objetividade (QSD), interobjetividade (QID), subjetividade (QSE) e intersubjetividade (QIE). Esses domínios da realidade surgem em todas as principais línguas por meio de perspectivas de primeira, segunda e terceira pessoas: "Eu", "Nós/Você" e "Isto/Istos".¹⁷²

A Teoria Integral insiste que não se pode compreender uma dessas realidades (qualquer um dos quadrantes) através da lente (ou lógos) de qualquer outra. Wilber é um crítico severo do que ele chama de *flatland*: a tentativa de reduzir todos os interiores (isto é, a profundidade do Kosmos) aos seus correlatos exteriores. Ele se refere à redução de todos os interiores a átomos materiais como *reducionismo grosseiro* e à redução de todos os interiores a sistemas de "istos" entrelaçados como *reducionismo sutil*.

Para ilustrar a simultaneidade de cada quadrante, darei um exemplo que pode ser acompanhado pela Figura 3. Digamos que eu decida comprar flores para o jardim. Tenho o pensamento: "vou ao viveiro". O modelo de Wilber demonstra que esse pensamento tem pelo menos quatro dimensões, nenhuma das quais pode ser separada das outras porque surgem simultaneamente. Primeiro, há o pensamento individual e como eu o vivencio (e.g., calculando o tempo de viagem, a alegria de fazer compras ou a preocupação financeira). Essas experiências são representadas pela estrutura psicológica de operações formais e sentimentos somáticos associados ao Quadrante Superior Esquerdo (QSE). Ao mesmo tempo, existe a combinação única de atividade neuronal, química cerebral e estados corporais que acompanham esse pensamento, bem como qualquer comportamento que ocorra (e.g., vestir um casaco, entrar no carro). Esses comportamentos são representados por diversas atividades do neocórtex complexo e pela atividade fisiológica do corpo associada ao Quadrante Superior Direito (QSD). Da mesma forma, existem sistemas ecológicos, econômicos, políticos e sociais que fornecem ao viveiro itens para venda, determinam o preço das flores e assim por diante. Esses sistemas são representados pela interconexão entre instituições globais, o Estado e a biosfera, associados ao Quadrante Inferior Direito (QID). Existe também um contexto cultural que determina se associo "viveiro" a um mercado a céu aberto, a um grande centro comercial ou a uma pequena banca num beco, bem como determina os vários significados e trocas culturalmente adequadas que ocorrem no viveiro. Esses aspectos culturais são representados pelas visões de mundo associadas ao Quadrante Inferior Esquerdo (QIE).

A Teoria Integral enfatiza que, embora todos os fenômenos possuam pelo menos esses quatro correlatos distintos (representados pelos quadrantes), é

simplista demais reduzir qualquer uma das dimensões aos seus correlatos em um ou mais dos outros quadrantes. Para compreender e apreciar plenamente a ocorrência do pensamento "vou ao viveiro", não é possível explicá-lo completamente apenas em termos de psicologia, *ou* neurobiologia e fisiologia, *ou* dinâmica socioeconômica, *ou* significado cultural. É preciso considerar todos esses domínios (e seus respectivos níveis). Em suma, AQAL pode ser representado pela seguinte afirmação: a consciência (QSE) está embutida na corporeidade (QSD), inserida na cultura (QIE) e emaranhada em sistemas ecossociais (QID) em todos os níveis de organização e complexidade.

Níveis de Desenvolvimento

Os níveis de complexidade no âmbito de cada quadrante são melhor compreendidos como "ondas de probabilidade" que são guiadas pelo número de vezes que cada onda é enagida individual ou coletivamente. Os níveis de cada quadrante estão correlacionados (coemergem) com os níveis dos outros quadrantes. Por exemplo, o executivo orientado por objetivos (QSE), que tem pressão alta (QSD), provavelmente será encontrado em uma cultura ou subcultura científico-racional (QIE), que geralmente ocorre em corporações industriais (QID). Todos esses fenômenos ocorrem no mesmo nível ou "altitude" de complexidade dentro de seus respectivos quadrantes e, portanto, estão correlacionados ao nível Laranja da Dinâmica da Espiral (*Spiral Dynamics*) apresentada a seguir.

Os níveis ou ondas em cada quadrante demonstram holarquia ao transcenderem e incluírem suas ondas prévias. Eles herdam a onda do passado e adicionam um novo nível de organização ou capacidade. No *domínio subjetivo*, as sensações são transcendidas e incluídas pelos impulsos, que são transcendidos e incluídos pelas emoções, que são transcendidas e incluídos pelos símbolos, que são transcendidos e incluídos pelos conceitos. Da mesma forma, no *domínio intersubjetivo*, essa dinâmica evolui de entendimentos arcaicos para mágicos, para míticos, para racionais e, então, para integrais. No *domínio objetivo*, esse movimento ocorre de átomos para moléculas, para células e para organismos. E no *domínio interobjetivo*, isso ocorre no movimento de galáxias para planetas, para ecossistemas e para famílias.

Dinâmica da Espiral

Uma das hierarquias aninhadas comumente usadas em associação com a Teoria Integral é a linha de valores documentada pelo trabalho pioneiro do psicólogo Clare Graves. O trabalho de Graves foi popularizado e expandido por Don Beck e Chris Cowan na Dinâmica da Espiral.¹⁷³ A Dinâmica da Espiral tem sido aplicada com sucesso a uma variedade de questões comunitárias e geopolíticas.¹⁷⁴

A Teoria Integral utiliza a Dinâmica da Espiral como um importante modelo introdutório ao desenvolvimento.¹⁷⁵ Os sistemas de valores essenciais (representados por cores diversas chamadas memes de valores) indicam um *telos* de desenvolvimento ou desdobramento que ocorre em indivíduos e culturas. O movimento ao longo da Espiral pode ser compreendido de forma simplificada como a transição de valores *Beges* (guiados por instinto, buscando sobrevivência); para valores *Roxos* (guiados por segurança, buscando harmonia); para valores *Vermelhos* (guiados por poder, buscando gratificação de impulsos); para valores *Azuis* (guiados por disciplina, buscando propósito, verdade e ordem); para valores *Laranja* (guiados por sucesso, buscando análise, prosperidade e realização); para valores *Verdes* (guiados por pessoas, buscando igualdade, justiça e autoexpressão); para valores *Amarelos* (orientados para o processo, buscando integrar e alinhar vários sistemas); para valores *Turquesa* (orientados para síntese, buscando sinergia e macrogestão); e para valores *Coral* (orientados espiritualmente, buscando uma unificação autêntica entre o eu, o outro e o mundo). Historicamente, o Roxo está associado a valores tribais, o Vermelho a valores coloniais, o Azul a valores tradicionais, o Laranja a valores modernos, o Verde a valores pós-modernos, o Amarelo e o Turquesa a valores integrais emergentes e o Coral a raros valores transpessoais. Embora a Dinâmica da Espiral e a Teoria Integral postulem uma progressão da consciência, esse desdobramento não é linear em tempo real, e pode oscilar ao longo da Espiral à medida que o sistema do eu navega pelo desenvolvimento.

Uma vez que um indivíduo estabiliza um meme de valor, esse "Meme" e os Memes estabilizados anteriormente ficam disponíveis para a pessoa e se expressam dependendo das situações e circunstâncias em que o indivíduo se encontra. Por exemplo, um indivíduo adulto que se estabilizou em valores Amarelos pode manifestar valores Amarelos (integrativos) no trabalho, valores Vermelhos (impulsivos) no jogo de futebol americano do filho na escola, valores Azuis (baseados na ordem) na igreja aos domingos, valores Verdes (sensíveis) em casa com a esposa e valores Laranja (focados em realizações) na reunião semanal do conselho da empresa. No entanto, o indivíduo não está regredindo para esses outros valores menos complexos, mas sim acessando as capacidades associadas a

esses valores anteriores a partir de seu sistema de valores atual, que neste exemplo é o Amarelo.¹⁷⁶

Os seis primeiros memes são caracterizados como *valores de Primeira Camada*, a tendência de pensar que a própria visão é melhor do que a dos outros. No Amarelo, o sétimo meme de valor, começa a ocorrer uma mudança radical e o indivíduo reconhece a importância de todos os conjuntos de valores precedentes, em si mesmo e nos outros. Com os valores do Amarelo, cada onda é compreendida como um componente essencial, ainda que limitado, de toda a Espiral da consciência. Os *valores de Segunda Camada* são caracterizados por uma maior capacidade de compreender as dimensões verticais (de desenvolvimento) de forma sistêmica. Nesse ponto, o indivíduo consegue apreender plenamente a complexidade do desenvolvimento interior e, pela primeira vez, entender que cada meme de valor, nível ou onda é absolutamente necessário para a saúde da pessoa como um todo e para a saúde de toda a comunidade. Todos os memes de valor da Dinâmica da Espiral podem ser situados no modelo AQAL.

Pluralismo Metodológico Integral

Para adicionar ainda mais visão e clareza, Wilber desenvolveu recentemente o Pluralismo Metodológico Integral (PMI).¹⁷⁷ O PMI é uma coleção de práticas e injunções guiada pela intuição de que "todos estão certos" e cada prática ou injunção enage e, portanto, revela uma realidade diferente. Como resultado, Wilber propõe *três princípios* que asseguram uma posição na realidade para todas as perspectivas: *não exclusão* (aceitação de afirmações de verdade que passam nos testes de validade para seus próprios paradigmas em seus respectivos campos); *envolvimento* (alguns conjuntos de práticas são mais inclusivos, holísticos e abrangentes do que outros); e *enação* (os fenômenos revelados por vários tipos de investigação diferem em grande parte nos quadrantes, níveis, linhas, estados, tipos e corpos [e.g., denso, sutil e causal] do pesquisador, usados para acessar os fenômenos). Esses três princípios servem como guardiões, protegendo as várias formas de verdade reveladas por diferentes metodologias. Wilber descreve esse compromisso com uma abordagem multimetodológica:

Qualquer abordagem verdadeiramente Integral trata do máximo possível de áreas de pesquisa importantes antes de retornar rapidamente às questões e aplicações específicas de uma determinada prática... Uma abordagem Integral significa, em certo sentido, a "visão de 15.000 metros de altura". É uma visão panorâmica dos modos de investigação (ou das ferramentas de aquisição de conhecimento) que os seres humanos usam, e têm

usado, por décadas e, às vezes, por séculos. Uma abordagem Integral baseia-se em uma única ideia fundamental: nenhuma mente humana pode estar 100% errada. Ou, poderíamos dizer, ninguém é suficientemente inteligente para estar errado o tempo todo. Portanto, quando se trata de decidir quais abordagens, metodologias, epistemologias ou formas de conhecimento são "corretas", a resposta só pode ser: "todas elas". Ou seja, todas as inúmeras práticas ou paradigmas de investigação humana – incluindo física, química, hermenêutica, pesquisa colaborativa, meditação, neurociência, busca da visão, fenomenologia, estruturalismo, pesquisa de energias sutis, teoria de sistemas, viagens xamânicas, teoria do caos, psicologia do desenvolvimento – todos esses modos de investigação contribuem com uma peça importante do quebra-cabeça geral. Como nenhuma mente consegue errar 100%, isso significa que todas as abordagens têm pelo menos algumas verdades parciais a oferecer em uma conferência Integral, e a única questão realmente interessante é: que tipo de estrutura podemos conceber que abra espaço para as verdades importantes, ainda que parciais, de todas essas metodologias? Dizer que nenhuma dessas alternativas está 100% errada não significa dizer que elas estão 100% certas. As abordagens Integrais podem ser muito rigorosas em seus padrões de evidência e eficácia, um rigor que algumas abordagens holísticas abandonam muito rapidamente na tentativa de serem abrangentes.¹⁷⁸

Oito Perspectivas Nativas

Wilber acrescenta que existem pelo menos oito perspectivas nativas (ou naturais) disponíveis para todos os hólons. Um hólón em qualquer quadrante pode ser compreendido tanto por uma visão de dentro quanto por uma visão de fora. Wilber mostra como o dentro ou o fora de cada quadrante só é acessível por meio de um método de investigação específico ou de uma família metodológica. Cada metodologia revela um aspecto da realidade que outros métodos não conseguem revelar. Portanto, as descobertas de qualquer método não estão sujeitas aos termos dos outros métodos. Excluir qualquer uma dessas perspectivas (ou métodos de investigação) significa não alcançar uma compreensão verdadeiramente Integral. Para Wilber, as oito perspectivas nativas são um ingrediente importante para uma abordagem pós-metafísica que evita postular realidades "lá fora", independentes do observador. Assim, Wilber articula uma abordagem participativa que assevera o pluralismo epistemológico e ontológico.

As oito famílias metodológicas que Wilber identifica são: *Fenomenologia*, que explora a experiência direta (o interior do indivíduo visto de dentro); *Estruturalismo*, que explora padrões de experiência direta (o interior do indivíduo visto de fora); *Teoria da Autopoiese*, que explora o comportamento autorregulador (o exterior do indivíduo visto de dentro); *Empirismo*, que explora comportamentos

observáveis (o exterior do indivíduo visto de fora); *Teoria da Autopoiese Social*, que explora a dinâmica autorreguladora em sistemas (o exterior do coletivo visto de dentro); *Teoria de Sistemas*, que explora o ajuste funcional das partes no âmbito de um todo observável (o exterior do coletivo visto de fora); *Hermenêutica*, que explora a compreensão intersubjetiva (o interior do coletivo visto de dentro); e *Antropologia Cultural*, que explora padrões de compreensão mútua (o exterior do coletivo visto de fora). Em suma, os hólons contêm todas essas dimensões (reveladas por esses respectivos modos de investigação) a cada instante.¹⁷⁹

Agradecimentos: Gostaria de agradecer especialmente a Ken Wilber e Michael Zimmerman pelas inúmeras conversas que serviram de base para este artigo, bem como pelo apoio e feedback constantes sobre a estrutura proposta. Agradeço imensamente a Kevin Snorf pela colaboração em muitas dessas ideias, que desenvolvemos juntos em um curso que ministramos em parceria. Agradeço também à minha amada esposa, Vipassana Esbjörn-Hagens, pelo apoio durante as longas noites e dias dedicados à elaboração deste artigo e por seu crítico olhar editorial. Sou grato também às diversas pessoas que leram versões anteriores ou partes deste artigo e forneceram feedback: Robert McDermott, Joel Kreisberg, Cameron Owens, Keith Thompson, Sean Kelly, R. Michael Fisher e Jane Bunin.

Notas

1. Uma versão anterior deste artigo foi publicada em *World Futures*, vol. 61, nos. 1-2, pp. 5-49.

2. Consultar Esbjörn-Hargens, "Integral ecology: An ecology of perspectives", 2006.

3. Pelo que sei, a expressão "Ecologia Integral" foi usada duas vezes independentemente da Teoria Integral de Ken Wilber, ambas por volta de 1995. Uma vez por Leonardo Boff e Virgil Elizondo (1995) e em 1994 por Thomas Berry em conversa com Drew Dellinger (comunicação pessoal). Além disso, Michael Cohen (1993) usou "Ecologia Integrada" para descrever seu trabalho.

4. Kegan, *The evolving self: Problem and process in human development*, 1982; *In over our heads: The mental demands of modern life*, 1994.

5. Gebser, *The ever-present origin*, 1985.

6. Habermas, *The theory of communicative action*, 1984-1985.

7. Visão-lógica é a primeira onda de consciência pós-racional. Wilber às vezes se refere a ela como o nível existencial ou do centauro. Ao contrário da consciência racional, que é linear, a visão-lógica é um modo de consciência sistêmico em seus padrões. Em suas formas mais complexas, consiste em trabalhar no âmbito de sistemas de sistemas. É o modo de consciência que integra corpo e mente.

8. Não basta, por exemplo, que os indivíduos se identifiquem com a biosfera como um todo (como a ênfase dada pela Ecologia Profunda sobre uma autoidentidade expandida). Afinal, se os indivíduos são "um com Gaia", mas não têm a capacidade de transcender suas diferenças com outros cidadãos em níveis local, regional, nacional e global, pouco ou nenhum progresso ocorrerá na obtenção de soluções Integradas eficazes. A Ecologia Integral reconhece que, para que uma abordagem ecocêntrica se manifeste em nós e em nossas comunidades, os indivíduos precisam trabalhar juntos para estabilizar padrões de relacionamento mundicêntricos. Caso contrário, indivíduos ecologicamente preocupados, que são ostensivamente unos com a Terra, podem propagar dinâmicas de "alteridade" contra seus vizinhos, bem como contra vários membros da aldeia global. Por exemplo, muitos ambientalistas demonizam desnecessariamente empresários e políticos em um esforço para destacar a degradação ecológica.

9. Consultar Wilber, *The collected works of Ken Wilber*, Vols. 1-8, 1999-2000.

10. Frank Visser afirma que 19 livros de Ken Wilber foram traduzidos para mais de 25 idiomas, tornando-o o autor acadêmico mais traduzido dos Estados Unidos. Visser relata: "Até o momento, seus livros foram traduzidos para o alemão, holandês, francês, espanhol, português, italiano, russo, tcheco, húngaro, turco, búlgaro, estoniano, esloveno, eslovaco, sérvio, grego, hindi, chinês (Taiwan), coreano, suazi, japonês, polonês, dinamarquês, sueco e letão. Além disso, algumas edições ilegais apareceram em dialetos africanos e indianos." Ver www.integralworld.net.

11. Além do campo da Ecologia (Zimmerman, *Contesting earth's future: Radical ecology and postmodernity*, 1994; Ken Wilber's *critique of ecological spirituality*, 1998; "Possible political

problems of earth-based religiosity", 2000), a Teoria Integral está sendo aplicada a: Educação (Astin, "Conceptualizing service-learning research using Ken Wilber's integral framework", 2000; Fisher, "'Lighting up' the integral: A critical review of Ken Wilber's philosophy and theories related to Education", 2003; Lauzon, "Adult education and the human journey: An evolutionary perspective", 1998); Medicina (Astin & Astin, "An integral approach to medicine", 2002; Paulson, "Topical antimicrobial testing and evaluation", 1999a; Paulson, "Successfully marketing skin moisturizing products", 1999b; Schlitz, Amorok & Micozzi, *Consciousness and healing: Integral approaches to mind-body medicine*, 2004); Enfermagem (Fiandt, Forman, Erickson Megel, Pakieser & Burge, "Integral nursing: An emerging framework for engaging the evolution of the profession", 2003); Psicologia (Mikulas, *The integrative helper: Convergence of Eastern and Western traditions*, 2001); Negócios (Paulson, *Competitive business, caring business: An integral business perspective for the 21st century*, 2002); Futurologia (Slaughter, "Ken Wilber's path to transformational futures", 1997; Slaughter, "Transcending flatland: Implications of Ken Wilber's meta narrative for futures studies", 1998; Slaughter, "A new framework for environmental scanning", 1999a; Slaughter, "An outline of critical futures studies", 1999b; Slaughter, "Knowledge creation, futures methodologies and the integral agenda", 2001; Slaughter, "Beyond the mundane: Reconciling breadth and depth in futures work", 2002; Voros, "Reframing environmental scanning: An integral approach", 2001); Intersubjetividade (Hargens, "Intersubjective musings: A response to Christian de Quincey's 'The Promise of Integralism'", 2001); Ação Social (Walsh, "Terrorism and other global terrors: An integral analysis", 2002; Moyer, *Doing democracy: The MAP model for organizing social movements*, 2001); Criminologia (Gibbs, Giever & Pober, "Criminology and the eye of the spirit: An introduction and application of the thoughts of Ken Wilber", 2000); Terapia Musical (Bonde, "Steps toward a meta-theory of music therapy? An introduction to Ken Wilber's integral psychology and a discussion of its relevance for music therapy", 2001); Política (Harguindey, *Spirit and politics for the XX1 century*; Roof, "Integral approaches that transform us and the world", 2003; Wilpert, "Integral politics: A spiritual third way", 2001); Arte (Grey, *Sacred mirrors: The visionary art of Alex Grey*, 1990; Grey, *The mission of art*, 1998; Grey, *Transfigurations*, 2001; Davis, *Kid Mystic*, 1997; Rentschler, "Introducing integral art", 2006a; Rentschler, "Understanding integral art", 2006b); Experiências de Quase Morte (Paulson, "The near-death experience: An integration of cultural, spiritual, and physical perspectives", 1999c); Cristianismo (Marion, "Putting on the mind of Christ: The inner work of Christian spirituality", 2000; Harris, "Frequently asked questions about Christian meditation: The path of Contemplative Prayer", 2001; Main, *The way of unknowing*, 1985); Religião (Bauwens, "Three challenges for global religion in the 21st century", 2003; Araya, "Integral religion: Uniting Eros and Logos", 2003); e Desenvolvimento Sustentável (Hochachka, "Integral community development in San Juan del Gozo, El Salvador: Including communities, ecosystems and 'interiority' in the developmental process", 2001; Hargens, "Integral development: Taking the middle path towards gross national happiness", 2002).

12. Não é de surpreender que outros tenham chegado a uma conclusão semelhante e proposto, independentemente, a necessidade de três ecologias. O filósofo pós-estruturalista francês Félix Guattari, em sua obra *Les Trois Écologies*, defende uma ecologia mental (focada na subjetividade humana), uma ecologia social (preocupada com as relações sociais) e uma ecologia natural (que observa os processos ambientais). Da mesma forma, o defensor da simplicidade voluntária Duane Elgin, em um relatório para o Instituto Fetzer, afirma: "Os desafios 'ecológicos'

que enfrentamos não são puramente físicos. Muitos são também sociais e espirituais. É difícil imaginar um futuro positivo que não valorize, integre e equilibre três grandes ecologias" (1997, p. 3). Ele descreve uma "ecologia física sustentável", uma "ecologia social satisfatória" e uma "ecologia espiritual elevada". Outra manifestação dessas três ecologias pode ser vista na medida em que três das abordagens mais populares para o meio ambiente são: a *Ecologia Profunda*, especializada nas realidades subjetivas de autoidentidade; o *Ecofeminismo*, especializado nas realidades intersubjetivas de poder, classe, raça e gênero; e a *Teoria de Sistemas*, especializada nas realidades objetivas de interações complexas e ciclos de retroalimentação de sistemas vivos em múltiplas escalas.

Embora Guattari e Elgin compartilhem a compreensão da necessidade de abordar o ambiente reconhecendo as três esferas de valor da subjetividade, intersubjetividade e objetividade, eles destacam aspectos ligeiramente diferentes no âmbito de cada esfera. Essa diferença de ênfase ocorre em parte porque eles se preocupam com aspectos ou níveis diversos de cada esfera. Por exemplo, em relação ao domínio da subjetividade, Guattari enfatiza o mental, enquanto Elgin destaca o espiritual.

As diferentes abordagens às três ecologias, representadas por Guattari e Elgin, esclarecem ainda mais a necessidade de uma estrutura integrativa ainda mais ampla. Uma estrutura que não apenas reconheça a importância de compreender o correlato ecológico de cada esfera de valor, mas que também possa identificar os vários níveis e aspectos (qualidades) que existem no âmbito de cada esfera. É exatamente isso que a Ecologia Integral proporciona: a capacidade de identificar, situar e interconectar a complexidade de cada esfera de valor.

13. Embora os interiores individuais dos seres não humanos sejam de difícil compreensão, eles não são inacessíveis. Um Pluralismo Metodológico Integral permite ao Ecologista Integral considerar e incluir essas realidades importantes, mesmo que permaneçam parcialmente ocultas ou distintas da experiência humana. A combinação de diversas abordagens metodológicas (e.g., fenomenologia, estruturalismo, hermenêutica e empirismo) serve para "triangular" dados que fornecem uma perspectiva sobre as realidades fenomenológicas de outras espécies de forma significativa. Os mundos interiores (a chamada "caixa preta") de outras espécies tornam-se cada vez mais discerníveis a cada metodologia adicional utilizada para lançar luz sobre sua opacidade. Jakob von Uexkull (1864-1944), o fundador do campo da biossemiótica, desenvolveu o conceito de *Umwelt*, para se referir à maneira como os organismos percebem, experienciam e interpretam subjetivamente seus ambientes. Muito trabalho está sendo realizado para desenvolver o conceito de Uexkull. Consulte seu artigo na edição especial de mais de 800 páginas de *Semiotica*: Kull (Ed.), "Jakob von Uexkull: A paradigm for biology and semiotics", 2001.

14. Assim como os interiores individuais dos seres não humanos são de difícil compreensão, o mesmo ocorre com os interiores coletivos ou culturas de seres como insetos, pássaros e mamíferos. Contudo, essa ambiguidade não significa que eles não existam, ou que não se sobreponham, ou "toquem" de alguma forma os nossos próprios interiores. Muitos trabalhos estão sendo realizados em semiótica ambiental (ecossemiótica, biossemiótica, zoossemiótica), comunicação interespecífica e cultura animal (principalmente de aves e mamíferos) para elucidar essas realidades. Quando esses esforços de pesquisa são inseridos em um Pluralismo Metodológico Integral, os Ecólogos Integrais conseguem começar a acessar, compreender e incluir realidades culturais não humanas na análise de ecossistemas.

15. É importante ressaltar que os termos usados para Sistemas na Figura 2 estão sendo empregados de forma específica para indicar características definidoras de cada nível de complexidade no âmbito deste contexto. Não estou sugerindo que sistemas sociais não sejam naturais ou que não sejam encontrados em todos os níveis de complexidade ecológica. Tampouco estou sugerindo que sistemas sutis só comecem no terceiro nível de complexidade — em muitos casos, eles começam em sistemas naturais e sociais. Uma terminologia mais precisa, embora menos intuitiva, seria: sistemas pré-conceituais, sistemas conceituais e sistemas pós-conceituais.

16. Consultar Wilber, "Excerpt G: Toward a comprehensive theory of subtle energies", 2003f, cuja tradução é apresentada em:

https://www.ariraynsford.com.br/uploads/1/2/2/1/122151246/10_excerto_g_do_vol_2_da_trilogia_kosmos_-_rumo_a_uma_teor%C3%ADa_de_energias_sutis_-_rev_01.pdf.

17. Para uma discussão mais aprofundada sobre "ontologia" no contexto de uma abordagem pós-metafísica, consultar Wilber, "Excertos A, B, C e D da Trilogia Kosmos" em www.ariraynsford.com.br.

18. Aqui me baseio em Edgar Morin, *Homeland earth: A manifesto for the new millennium*, 1999, e seu conceito de recursividade.

19. Consultar Cook-Greuter, "Postautonomous ego development: A study of its nature and measurement", 1999; Torbert, *The power of balance: Transforming self, society, and scientific inquiry*, 1991; Torbert, *Action inquiry: The secret of timely and transforming leadership*, 2004. A pesquisa de Cook-Greuter e Torbert baseia-se no teste de conclusão de frases de Loewinger (mais de 10.000 testes realizados) e em seu Perfil de Desenvolvimento de Liderança (mais de 6.000 testes realizados). Sua pesquisa representa o estudo de espectro completo mais sofisticado e abrangente disponível (pré-pessoal, pessoal, pós-pessoal e pós-pós-pessoal). Seus níveis correspondem muito de perto aos níveis da *Spiral Dynamics Integral*.

20. Starhawk, *The spiral dance: A rebirth of the ancient religion of the great goddess*, 1995.

21. Sjojo, *The great cosmic mother: Rediscovering the religion of the earth*, 1991.

22. Albanese, *Nature religion in America: From the Alonquin Indians to the new age*, 1991; *Reconsidering nature religion*, 2002.

23. Levi-Strauss, *Totemism today*, 1962.

24. Brodle, *Earthdance: A year of pagan rituals*, 1995.

25. Foster, *The book of the vision quest: Personal transformation in the wilderness*, 1992.

26. Moura, *Green witchcraft: Folk magic, fairy lore & herb craft*, 1996; Lipp, *The elements of ritual: Air, fire, water & earth in the Wiccan circle*, 2003.

27. Tobias, *A vision of nature: Traces of the original world*, 1995; Diamond, *In search of the primitive*, 1981; Horon, *The pure state of nature: Sacred cows, destructive myths and the environment*, 2000.

28. Huhndorf, *Going native: Indians in the American cultural imagination*, 2001; Taylor, "Earth spirituality or cultural genocide? Radical environmentalism's appropriation of Native

American spirituality", 1997; Deloria, *Playing Indian*, 1998; Martin, "The American Indian as miscast ecologist", 1981.

29. Shepard, *Nature and madness*, 1982; Goldsmith, *The way: An ecological worldview*, 1993; Berman, *The reenchantment of the world*, 1981.

30. Adams (Ed.), *Ecofeminism and the sacred*, 1994; Low & Tremayne (Eds.), *Sacred custodians of the earth? Women, spirituality and the environment*, 2002.

31. Zakin, *Coyotes and town dogs: Earth First! and the environmental movement*, 1995.

32. Abby, *The monkey wrench gang*, 2000; Forman, *Ecodefense: A field guide to monkeywrenching*, 1993.

33. Love, *Ecotage*, 1972; Manes, *Green rage*, 1990.

34. Arnold, *Ecoterror: The violent agenda to save nature; The world of the Unabomber*, 1997; Scarce, *Eco warriors: Understanding the radical environmental movement*, 1990.

35. Bell (Ed.), *Seven summits: The quest to reach the highest point on every continent*, 2000.

36. Olsen, *Women who risk: Profiles of women in extreme sports*, 2003; Soares & Powers, *Extreme sea kayaking: A survival guide*, 1999.

37. Chapman, *What a hunter brings home: Pursuing the trophies that matter most*, 2001; Etling, *Hunting superbucks: How to find and hunt today's trophy mule and whitetail deer*, 2001.

38. Nash, *Wilderness and the American mind*, 1982; Fussell, *Frontier: American literature and the American west*, 1965.

39. McPherson & McPherson, *Primitive wilderness living & survival skills: Naked into the wilderness*, 1993.

40. Stein, *When technology fails: A manual for self-reliance and planetary survival*, 2000; Bingham, *The NEW passport to survival: 12 steps to self-sufficient living*, 1999.

41. Hofstadter, *Social Darwinism in American thought*, 1992.

42. Fox, *Towards a transpersonal ecology: Developing new foundations for environmentalism*, 1990.

43. Merchant, *Reinventing Eden: The fate of nature in western culture*, 2003; Nash, *Wilderness and the American mind*, 1982.

44. Nash, *Wilderness and the American mind*, 1982; Carroll, *Puritanism and the wilderness: The intellectual significance of then New England frontier, 1629-1700*, 1969.

45. Schwartz & Schwartz, *The scouting way*, 2001; Baden-Powell, *Scouting for boys: A handbook for instruction in good citizenship*, 1992; Mechling, *On my honor: Boy Scouts and the making of American youth*, 2001.

46. Landy, Roberts & Thomas, *The Environmental Protection Agency: Asking the wrong questions; From Nixon to Clinton*, 1994.

47. Kubasek & Silverman, *Environmental law*, 2001; Hutter, *A reader in environmental law*, 1999.
48. Hodges, *Sworn to protect*, 1999; Grosz, *Wildlife wars: The life and times of a fish and game warden*, 1999.
49. Spence, *Dispossessing the wilderness: Indian removal and the making of the national parks*, 2000.
50. Anderson, *Managing our wildlife resources*, 2001; Butcher, *American's national wildlife refuges: A complete guide*, 2003.
51. Czech & Krausman, *The endangered species act: History, conservation biology, and public policy*, 2001; Noss, O'Connell & Murphy, *The science of conservation planning: Habitat conservation under the Endangered Species Act*, 1997.
52. Tennyson, *A singleness of purpose: The story of ducks unlimited*, 1977.
53. Graham & Buchheister, *The Audubon ark: A history of the National Audubon Society*, 1992.
54. Hawken, Lovins & Lovins, *Natural capitalism*, 1999.
55. Hays, *Conservation and the gospel of efficiency: The progressive conservation movement, 1890-1920*, 1999.
56. Oelschlaeger, *The idea of wilderness: From prehistory to the age of ecology*, 1991.
57. Nash, *Wilderness and the American mind*, 1982.
58. Dodson (Ed.), *Ecology*, 1998; Brown & Real (Eds.), *Foundations of ecology: Classic papers with commentaries*, 1991; Ricklefs & Miller, *Ecology*, 1999.
59. Des Jardins, *Environmental ethics: An introduction to environmental philosophy*, 1993.
60. Alexander, *A pattern language: Towns, buildings, construction*, 1977; Register, *Ecocity Berkeley: Building cities for a healthy future*, 1987.
61. Des Jardins, *Environmental ethics: An introduction to environmental philosophy*, 1993.
62. Light & Katz, *Environmental pragmatism*, 1996.
63. Bell, Greene, Fisher & Baum, *Environmental psychology*, 1996; Bechtel & Churchman, *Handbook of environmental psychology*, 2002.
64. Brower & Leon, *The consumer's guide to effective environmental choices: Practical advice from the Union of Concerned Scientists*, 1999.
65. Kimbrell, *The fatal harvest reader*, 2002.
66. Fox, *Towards a transpersonal ecology: Developing new foundations for environmentalism*, 1990.
67. Sessions (Ed.), *Deep ecology for the 21st century*, 1995; Drengson & Inoue, *The deep ecology movement: An introductory anthology*, 1995.

68. Warren, *Ecofeminism: Women, culture, nature*, 1997; *Ecofeminist philosophy*, 2000; Mies & Shiva, *Ecofeminism*, 1993; Griffin, *Woman and nature: The roaring inside her*, 1978; Diamond & Orenstein, *Reweaving the world: The emergence of ecofeminism*, 1990; Keller, *Reflections on gender and science*, 1995; Plumwood, *Feminism and the mastery of nature*, 1993.

69. Bookchin, *The philosophy of social ecology: Essays on dialectical naturalism*, 1990; Watson, *Beyond Bookchin: Preface for a future social ecology*, 1996.

70. Regan, *The case for animal rights*, 1983; Rollin, *The unheeded cry: Animal consciousness, animal pain, and science*, 1989.

71. Taylor, *Respect for nature*, 1986; Schweitzer, *Civilization and ethics*, 1946.

72. Rolston, *Philosophy gone wild: Essays in environmental ethics*, 1986; *Environmental ethics: Duties to and values in the natural world*, 1988.

73. Roszak, Kanner & Gomes, *Ecopsychology: Restoring the earth, healing the mind*, 1995; Sewall, *Sight and sensibility: The ecopsychology of perception*, 1999; Fisher, *Radical ecopsychology*, 2002.

74. Cole & Foster, *From the ground up: Environmental racism and the rise of the environmental justice movement*, 2000; Adamson, Evans & Stein (Eds.), *The environmental justice reader: Politics, poetics, & pedagogy*, 2002.

75. Goodin, *Green political theory*, 1992; Whiteside, *Divided natures: French contributions to political ecology*, 2002.

76. Abrams, *The spell of the sensuous*, 1996.

77. Worster, *Nature's economy: A history of ecological ideas*, 1994; Nash, *Wilderness and the American mind*, 1982; Golley, *A history of the ecosystem concept in ecology: More than the sum of the parts*, 1996; Merchant, *The death of nature: Women, ecology, and the Scientific Revolution*, 1980.

78. Vitek & Jackson, *Rooted in the land*, 1996; Sale, *Dwellers in the land: The bioregional vision*, 1985.

79. Pimm, *The world according to Pimm: A scientist audits the earth*, 2001; McKibben, *The end of nature*, 1999.

80. Evernden & Leslie, *The social creation of nature*, 1992; Simmons, *Interpreting nature: Cultural constructions of the environment*, 1993.

81. Guattari, *The three ecologies*, 2000.

82. Swimme & Berry, *The universe story – From the primordial flaring forth to the ecozoic era: A celebration of the unfolding of the cosmos*, 1992; Berry, *The dream of the earth*, 1988.

83. Berry, *Teilhard in the Ecological Age*, *Teilhard Studies*, Num. 7, 1982; O'Brien, "Teilhard's view of nature and some implications for environmental ethics", 1988.

84. Lovelock, *Gaia: A new look at life on earth*, 2000.

85. Bateson, *Steps to an ecology of mind*, 2000.
86. Capra, *The web of life*, 1996; Laszlo, *The systems view of the world: A holistic vision for our time*, 1996.
87. Spretnak, *The resurgence of the real*, 1999.
88. Leopold, *A Sand County almanac and sketches here and there*, 1949.
89. Berkes & Folke, *Linking social and ecological systems*, 2002; Gunderson & Holling, *Panarchy: Understanding transformations in systems of humans and nature*, 2001.
90. Morin & Kern, *Homeland earth: A manifesto for the new millennium*, 1999.
91. Schilthuis, *Biodynamic agriculture*, 1994; Steiner, *Agriculture: Spiritual foundations for the renewal of agriculture*, 1993.
92. Elgin, *Awakening earth: Exploring the evolution of human consciousness*, 1993.
93. Kealey, *Revisioning environmental ethics*, 1990.
94. Birch & Cobb, *The liberation of life: From the cell to the community*, 1990; Griffin, "Whitehead's deeply ecological worldview", 1994; Palmer, *Environmental ethics and process thinking*, 1998.
95. Boff, *Ecology and liberation: A new paradigm*, 1995; Boff et al., *Ecology and poverty: Cry of the earth, cry of the poor*, 1997.
96. Fox, *Towards a transpersonal ecology: Developing new foundations for environmentalism*, 1990.
97. Hargens, "Integral development: Taking the middle path towards gross national happiness", 2002.
98. Tissot, "Integral marine ecology: Community-based fishery management in Hawai'i", 2005.
99. Zimmerman, *Contesting earth's future: Radical ecology and postmodernity*, 1994; "Possible political problems of earth-based religiosity", 2000; "Ken Wilber's critique of ecological spirituality", 2001; "Integral ecology: A perspectival developmental, and coordinating approach to environmental problems", 2005.
100. Riddell, "Evolving approaches to conservation: Integral ecology and British Columbia's Great Bear rainforest", 2005.
101. Eddy, "An Integral approach to sustainable development", 2001; "A comparative review of ecosystem modeling and 'Integral Theory': A theoretical basis for modeling human-environment interaction in geography", 2002a; "Some first principles of an 'Integral Geography': An approach to modeling human-environment problem spaces", 2002b; "Integral geography: Space, place and perspective", 2005.
102. Owens, "An integral approach to sustainable consumption and waste reduction", 2005.

103. Kreisberg, *The twelve niches of plant medicine*, 2003.
104. Snorf, *Integral eco-design*, 2003.
105. Hochachka, "Integral community development in San Juan del Gozo, El Salvador: Including communities, ecosystems and 'interiority' in the developmental process", 2001; "Integrating interiority in community development", 2005.
106. Prpich, "A critical analysis of the national standard of Canada for organic agriculture", 2005.
107. Wight, "Integrating It and We with the I of the beholder: From planning the city's region to making our collective home-place", 1999; "Rethinking regions as holons in holarchies: Toward a more integral city-region planning practice", 2000; "Place, placemaking and planning: Part 1; Wilber's integral theory", 2002; "Placemaking as Applied integral ecology: Evolving an ecologically-wise planning ethic", 2005.
108. Emerson, *On nature: The best of Ralph Waldo Emerson; Essays, poems, addresses*, 1969.
109. Bortoft, *The wholeness of nature: Goethe's way towards a science of conscious participation in nature*, 1996.
110. Armstrong (Ed.), *Francis and Clare: The complete works*, 1988.
111. Wilber, *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*, 1995.
112. Macy, "The ecological self: Postmodern ground for right action", 1990.
113. Bache, "The eco-crisis and species ego-death: Speculations on the future", 2000.
114. Cunningham, *Wicca: A guide for the solitary practitioner*, 1990; diZerga, Frew & Wilber, "Neopaganism and the mystical tradition", 1999; Farrar & Farrar, *The witches' way*, 1984; Frew, "Harran: Last refuge of classical Paganism", 1999.
115. Jones, *The social face of Buddhism: An approach to political and social activism*, 1989.
116. Fukuoka, *The one-straw revolution: An introduction to natural farming*, 1978; *The natural way of farming: The theory and practice of green philosophy*, 1985.
117. McClellan, "Nondual ecology: In praise of wildness and in search of harmony with everything that moves", 1993.
118. Fox, *Towards a transpersonal ecology: Developing new foundations for environmentalism*, 1990.
119. Neihardt, *Black Elk speaks*, 1988; Holler, (Ed.), *The Black Elk reader*, 2000.
120. Fox, *The coming of the cosmic Christ: The healing of mother earth and the birth of a global renaissance*, 1988; *Creation spirituality: Liberating gifts for the peoples of the earth*, 1991.
121. Metzner, *Green psychology: Transforming our relationship to the earth*, 1999.

122. Metzner, Callaway, Grob & McKenna, *Ayahuasca: Human consciousness and the spirits of nature*, 1999.

123. Halifax, *Shamanic voices: A survey of visionary narratives*, 1979; Walsh, *The spirit of shamanism*, 1992.

124. Dugan, *The vision quest of the Plains Indians: Its spiritual significance*, 1985; Jastrap, *Sacred manhood, sacred earth: A vision quest into the wilderness of a man's heart*, 1995.

125. Wright, *Perelandra garden workbook: A complete guide to gardening with nature intelligences*, 1993; Telesco & Telesco, *Dancing with devas: Connecting with the spirits and elements of nature*, 1999.

126. Para explicação adicional do uso "técnico" desses termos, consultar Wilber, "Introduction to excerpts from volume 2 of the Kosmos Trilogy", 2003a.

127. Kahn, *The human relationship with nature: Development and culture*, 1999; Kahn & Kellert, *Children and nature: Psychological, sociocultural, and evolutionary investigations*, 2002.

128. Bekoff & Jamieson (Eds.), *Readings in animal cognition*, 1996.

129. Kegan, *The evolving self: Problem and process in human development*, 1982; *In over our heads: The mental demands of modern life*, 1994.

130. Latonick-Flores, "Broadening environmental awareness: Another perspective on the new environmental paradigm/dominant social paradigm theory", 2004; Greenwald, *Environmental attitudes: A structural developmental model*, 1993; Swearingen, "Moral development and environmental ethics", 1990.

131. Abrams, *The spell of the sensuous*, 1996.

132. Fisher, *Radical ecopsychology*, 2002.

133. Brown & Toadvine, *Eco-phenomenology: Back to the earth itself*, 2003.

134. Hughes, *Sensory exotica: A world beyond human experience*, 2001; Ford, *The secret language of life: How animals and plants feel and communicate*, 2000.

135. Elgin, *Awakening earth: Exploring the evolution of human consciousness*, 1993.

136. Balee (Ed.), *Advances in historical ecology*, 1998; Crumley (Ed.), *New directions in anthropology and environment; intersections*, 2001.

137. Merchant, *The death of nature: Women, ecology, and the scientific revolution*, 1980; Sturgeon, *Ecofeminist natures: Race, gender, feminist theory, and political action*, 1997.

138. Casey, *Getting back into place: Toward a renewed understanding of the place-world*, 1993; *The fate of place: A philosophical history*, 1998.

139. Steeves, *Animal others: On ethics, ontology, and animal life*, 1999.

140. Nash, *Wilderness and the American mind*, 1982.

141. Fisher, *Radical ecopsychology*, 2002

142. Van Buren, "Critical environmental hermeneutics", 1995.
143. Mugerauer, *Language and the emergence of the environment: Dwelling, place & environment*, 1985; Basso, *Wisdom sits in places: Landscape and language among the Western Apache*, 1996.
144. Tucker & Grim (Eds.), *Religions of the world and ecology*, 1994-2002.
145. Laird, *Biodiversity and traditional knowledge*, 2002; Ellen, Parkes & Bicker (Eds.), *Indigenous environmental knowledge and its transformations: Critical anthropological perspectives*, 2000.
146. Zimmerman et al., "What can continental philosophy contribute to environmentalism", 2004.
147. Bortoft, *The wholeness of nature: Goethe's way towards a science of conscious participation in nature*, 1996; Seamon & Zajonc, *Goethe's way of science: A phenomenology of nature*, 1998.
148. Maturana & Varela, *Autopoiesis and cognition: The realization of the living*, 1991. O termo *biofenomenologia* é um tanto enganoso, visto que Varela reconheceu que seu método não permite conhecer o interior dos fenômenos biológicos de dentro, mas sim o exterior dos fenômenos biológicos de dentro.
149. Petitot, Varela, Pachoud & Roy (Eds.), *Naturalizing phenomenology: Issues in contemporary phenomenology and cognitive science*, 2000.
150. Dodson et al., *Ecology*, 1998.
151. Bertalanffy, *General systems theory*, 1968.
152. Oyama, *Evolution's eye: A systems view of the biology-culture divide*, 2000.
153. Luhmann, *Ecological communication*, 1989; *Social systems*, 1995.
154. Geyer & Zouwen, *Sociocybernetics: Complexity, autopoiesis, and observation of social systems*, 2001.
155. Esta plataforma foi inspirada na proposta da Plataforma de Ecologia Profunda de oito pilares, criada por Arne Naess e George Sessions.
156. Esta seção foi escrita pelo autor Sean Esbjörn-Hargens e seu colega Michael Zimmerman.
157. Wilber, *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*, 1995; *A brief history of everything*, 1996; *Integral psychology: Consciousness, spirit, psychology, therapy*, 1999; *A theory of everything: An integral vision for business, politics, science, and spirituality*, 2000.
158. Wilber, *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*, 1995, p. 2.
159. Wilber, *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*, 1995.
160. Whitehead, *Process and reality: An essay in cosmology*, 1979.

161. Wilber, *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*, 1995, p. 529.

162. Wilber se baseia no conceito de *aufheben* de Hegel (negar, conservar e elevar a um nível superior simultaneamente) para desenvolver esse conceito.

163. Koestler, *The ghost in the machine*, 1976.

164. Kosmos é uma palavra grega que Wilber usa para se referir à matéria (fiosfera), à vida (biosfera), à mente (noosfera) e ao Espírito (teosfera). Consultar Wilber, *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*, 1995 (*Sexo, ecologia, espiritualidade: O espírito da evolução*, Editora Vida Integral, 2018).

165. No entanto, Wilber, em *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution* (1995), sugere que existe outro significado, além da emergência, para a frase de Whitehead "os muitos se tornam um e são acrescidos de um", e esse significado é a ideia de unificação preensiva. Por exemplo, é aqui que a célula viva individual abarca seu universo físico inteiro. Wilber caracteriza isso como "todas as ocasiões reais precedentes participam, em algum grau, de uma holarquia de inclusão".

166. Consultar Wilber, *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*, 1995, para uma discussão completa dos Vinte Princípios.

167. Consultar Wilber, *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*, 1995, para uma análise dos problemas gerados pela confusão das relações todo/parte.

168. Para uma discussão adicional sobre hólons, consultar "Hólons, Artefatos e Amontoados" em:

https://www.ariraynsford.com.br/uploads/1/2/2/1/122151246/09_h%C3%B3lons_artefatos_e_amontoados_rev.02.pdf.

169. Consultar Wilber, *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*, 1995, para uma análise detalhada dos problemas que assolam as abordagens atuais em relação ao meio ambiente.

170. Allen & Starr, *Hierarchy: Perspectives for ecological complexity*, 1982; O'Neill, De Angelis, Waide & Allen, *A hierarchical concept of ecosystems*, 1986; Allen & Hoekstra, *Toward a unified ecology*, 1992.

171. Consultar Wilber, *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*, 1995; *Integral psychology: Consciousness, spirit, psychology, therapy*, 1999; e *A theory of everything: An integral vision for business, politics, science, and spirituality*, 2000. Adicionar também "todos os corpos" (e.g., denso, sutil e causal). Isso é particularmente importante no contexto das variedades de misticismo da natureza, que incluem a unificação com um domínio denso de Gaia, um domínio sutil de Gaia e um domínio causal de Gaia.

172. Note que os exemplos dados para cada quadrante não estão correlacionados entre si, representando apenas exemplos individuais para cada quadrante.

173. Para algumas das pesquisas originais de Graves, consultar Graves, Clare W., *Clare W. Graves: Levels of human existence*, 2002. Para uma visão completa da Dinâmica da Espiral, consultar Beck & Cowan, *Spiral dynamics: Mastering leadership, values and change*, 1996.

174. Como exemplo, consultar Beck & Linscott, *The crucible: Forging South Africa's future*, 1991.

175. Consultar Wilber, *Integral psychology: Consciousness, spirit, psychology, therapy*, 1999 e *A theory of everything: An integral vision for business, politics, science, and spirituality*, 2000, para uma maior contextualização da Dinâmica da Espiral no âmbito de uma abordagem Integral.

176. Consultar Wilber, *Integral psychology: Consciousness, spirit, psychology, therapy*, 1999, para uma discussão da importante diferença entre estruturas duradouras e estruturas transitórias no sistema do eu.

177. Wilber, "Introduction to excerpts from volume 2 of the Kosmos Trilogy", 2003a; "Excerpt A: An integral age at the leading edge", 2003b; "Excerpt B: The many ways we touch; Three principles helpful for any integrative approach", 2003c; "Excerpt C: The ways we are in this together; Intersubjectivity and interobjectivity in the holonic Kosmos", 2003d; "Excerpt D: The look of a feeling; The importance of post/structuralism", 2003e; "Excerpt G: Toward a comprehensive theory of subtle energies", 2003f. A tradução desses excertos é encontrada em <https://www.ariraynsford.com.br/artigos-e-textos/trilogia-kosmos-volume-2>.

178. Wilber, "The integral vision of healing", 2004, pp. 7-8.

179. Para uma análise mais aprofundada das nuances desta posição, consultar Wilber "Introduction to excerpts from volume 2 of the Kosmos Trilogy", 2003a; "Excerpt A: An integral age at the leading edge", 2003b; "Excerpt B: The many ways we touch; Three principles helpful for any integrative approach", 2003c; "Excerpt C: The ways we are in this together; Intersubjectivity and interobjectivity in the holonic Kosmos", 2003d; "Excerpt D: The look of a feeling; The importance of post/structuralism", 2003e; "Excerpt G: Toward a comprehensive theory of subtle energies", 2003f. Vide nota 177.

REFERÊNCIAS

- Abby, E. (2000). *The monkey wrench gang*. New York: Perennial.
- Abrams, D. (1996). *The spell of the sensuous*. New York: Pantheon.
- Adams, C. J. (Ed.). (1994). *Ecofeminism and the sacred*. New York: Continuum.
- Adamson, J.; Evans, M. M. & Stein, R. (Eds.). (2002). *The environmental justice reader: Politics, poetics, & pedagogy*. Tucson: University of Arizona Press.
- Albanese, C. (1991). *Nature religion in America: From the Alonquin Indians to the new age*. Philadelphia: University of Chicago Press.
- Albanese, C. (2002). *Reconsidering nature religion*. Harrisburg, PA: Trinity Press International.
- Allen, T. F. H. & Hoekstra, T. (1992). *Toward a unified ecology*. New York: Columbia University Press.
- Allen, T. F. H. & Starr, T. B. (1982). *Hierarchy: Perspectives for ecological complexity*. Chicago: University of Chicago Press.
- Alexander, C. (1977). *A pattern language: Towns, buildings, construction*. Oxford, England: Oxford University Press.
- Anderson, S. (2001). *Managing our wildlife resources* (4th ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Araya, D. (2003). *Integral Religion: Uniting Eros and Logos*.
<http://www.integralworld.net/araya.html>
- Armstrong, R & Brady, I. (Eds.). (1988). *Francis and Clare: The complete works*. New York: Paulist Press.
- Arnold, R. (1997). *Ecoterror: The violent agenda to save nature; The world of the Unabomber*. Bellevue, WA: Free Enterprise Press.
- Astin, J. A & Astin, A. W. (2002). An integral approach to medicine. *Alternative Therapies*, 8, 70-75.
- Astin, A. W. (2000). Conceptualizing service-learning research using Ken Wilber's integral framework. *Michigan Journal of Community Service Learning, Fall*, 98-104.
- Bache, C. (2000). The eco-crisis and species ego-death: Speculations on the future. *Journal of Transpersonal Psychology*, 32 (1), 89-94.
- Baden-Powell, R. (1992). *Scouting for boys: A handbook for instruction in good citizenship*. Astoria, IL: Stevens Publishing Company.
- Balee, W. (Ed.). (1998). *Advances in historical ecology*. New York: Columbia University Press.
- Basso, K. (1996). *Wisdom sits in places: Landscape and language among the Western Apache*. Albuquerque: University of New Mexico Press.

Bateson, Gregory (2000). *Steps to an ecology of mind*. Chicago: The University of Chicago Press. (Original work published 1972.)

Bauwens, M. (2003). Three challenges for global religion in the 21st century.

<http://www.integralworld.net/bauwens.html>

Beck, Don E. & Cowan, Christopher C. (1996). *Spiral dynamics: Mastering values, leadership, and change*. Oxford, England: Blackwell.

Beck, Don E. & Linscott, Graham (1991). *The crucible: Forging South Africa's future*. Denton, TX: New Paradigm Press.

Bechtel, R. B. & Churchman, A. (2002). *Handbook of environmental psychology*. New York: John Wiley & Sons.

Bekoff, M. & Jamieson, D. (Eds.). (1996). *Readings in animal cognition*. Cambridge, MA: MIT Press.

Bell, P.; Greene, T; Fisher, J. & Baum, A. (1996). *Environmental psychology*. Orlando, FL: Harcourt Brace.

Bell, S. (Ed.). (2000). *Seven summits: The quest to reach the highest point on every continent*. Boston: Bulfinch Press.

Berkes, F. & Folke, C. (Eds.). (2002). *Linking social and ecological systems*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

Berman, M. (1981). *The reenchanted world*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

Berry, T. (1982). *Teilhard in the Ecological Age, Teilhard Studies, Num. 7*. Chambersburg, PA: Anima Books.

Berry, T. (1988). *The dream of the earth*. San Francisco: Sierra Club Books.

Bertalanffy, Ludwig von (1968). *General systems theory*. New York: Braziller.

Bingham, R. (1999). *The NEW passport to survival: 12 steps to self-sufficient living*. Edmond, OK: Natural Meals Publishing.

Birch, C. & Cobb, J., Jr. (1990). *The liberation of life: From the cell to the community*. Denton, TX: Environmental Ethics Books.

Boff, L. (1995). *Ecology and liberation: A new paradigm*. Maryknoll, NY: Orbis Books.

Boff, L. & Elizondo, V. (1995). Ecology and poverty: Cry of the earth, cry of the poor. *A special issue of Concilium Journal*. London: SCM Press.

Boff, L. (1997). *Ecology and poverty: Cry of the earth, cry of the poor* (P. Berryman, Trans.). Maryknoll, NY: Orbis Books.

Bonde, L. O. (2001). Steps toward a meta-theory of music therapy?: An introduction to Ken Wilber's integral psychology and a discussion of its relevance for music therapy. *Nordic Journal of Music Therapy*, 10 (2), 176-187.

- Bookchin, M. (1990). *The philosophy of social ecology: Essays on dialectical naturalism*. Montreal, Canada: Black Rose Books.
- Bortoft, H. (1996). *The wholeness of nature: Goethe's way towards a science of conscious participation in nature*. Hudson, NY: Lindisfarne Press.
- Brodie, J. (1995) *Earth Dance: A year of pagan rituals*. Sommerset, England: Capall Bann Publishing.
- Brower, M. & Leon, W. (1999). *The consumer's guide to effective environmental choices: Practical advice from the Union of Concerned Scientists*. New York: Three Rivers Press.
- Brown, Barrett C. (2003). What really matters? A youth's quest for keys to effecting global change. *Spirituality & Reality: New Perspectives on Global Issues, II (2)*, 10-12.
- Brown, C. S. & Toadvine, T. (2003). *Eco-phenomenology: Back to the earth itself*. Albany: State University of New York Press.
- Brown, J. & Real, L. (Eds.). (1991). *Foundations of ecology: Classic papers with commentaries*. Chicago: University of Chicago Press.
- Butcher, R. (2003). *American's national wildlife refuges: A complete guide*. Boulder, CO: Roberts Rinehart Publishers.
- Capra, Fritjof (1996). *The web of life: A new scientific understanding of living systems*. New York: Anchor Books.
- Carroll, P. (1969). *Puritanism and the wilderness: The intellectual significance of then New England frontier, 1629-1700*. New York: Columbia University Press.
- Casey, E. (1993). *Getting back into place: Toward a renewed understanding of the place-world*. Bloomington: Indiana University Press.
- Casey, E. (1998). *The fate of place: A philosophical history*. Berkeley: University of California Press.
- Chapman, S. (2001). *What a hunter brings home: Pursuing the trophies that matter most*. Eugene, OR: Harvest House Publishers.
- Cohen, M. J. (1993). Integrated ecology: The process of counseling with nature. *The Humanistic Psychologist, 21*, 277-295.
- Cole, L. W. & Foster, S. (2000). *From the ground up: Environmental racism and the rise of the environmental justice movement*. New York: New York University Press.
- Cook-Greuter, Susanne (1999). Postautonomous ego development: A study of its nature and measurement (Doctoral dissertation, Harvard University, 1999). *Dissertation Abstracts International, 60 (06)*, 3000.
- Crumley, C. (Ed.). (2001). *New directions in anthropology and environment: Intersections*. New York: Rowan & Littlefield.
- Cunningham, S. (1990). *Wicca: A guide for the solitary practitioner*. Saint Paul, MN: Llewellyn Publishers.

Czech, B. & Krausman, P. (2001). *The endangered species act: History, conservation biology, and public policy*. Baltimore: John Hopkins University Press.

Davis, S. (1997). *Kid Mystic*. Dharma Pop Records.

Deloria, P. (1998). *Playing Indian*. New Haven, CT: Yale University Press.

Des Jardins, J. R. (1993). *Environmental ethics: An introduction to environmental philosophy*. Belmont, CA: Wadsworth Publishing Company.

Diamond, I. & Orenstein, G. (Eds.). (1990). *Reweaving the world: The emergence of ecofeminism*. San Francisco: Sierra Club Books.

Diamond, S. (1981). *In search of the primitive*. New York: Transaction Books.

diZerega, G.; Frew, D. & Wilber, K. (1999). Neopaganism and the mystical tradition.

<http://www.integralworld.net/dizerega.html>

Dodson, S. I.; Allen, T. F. H.; Carpenter, S. R.; Ives, A. R.; Jeanne, R. L.; Kitchell, J. F.; Langston, N. E. & Turner, M. G. (1998). *Ecology*. Oxford, England: Oxford University Press.

Dodson, S. I.; Allen, T. F. H.; Carpenter, S. R.; Elliot, K.; Ives, A. R.; Jeanne, R. L.; Kitchell, J. F.; Langston, N. E. & Turner, M. G. (1999). *Readings in ecology*. Oxford, England: Oxford University Press.

Drengson, A. & Inoue, Y. (1995). *The deep ecology movement: An introductory anthology*. Berkley, CA: North Atlantic Books.

Dugan, K. M. (1985). *The vision quest of the Plains Indians: Its spiritual significance*. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press.

Eddy, Brian (2001). *An integral approach to sustainable development*. Manuscript in preparation, Carleton University, Ottawa, Ontario, Canada.

Eddy, Brian (2002a). *A comparative review of ecosystem modeling and 'Integral Theory': A theoretical basis for modeling human-environment interaction in geography*. Unpublished manuscript, Carleton University, Ottawa, Ontario, Canada.

Eddy, Brian (2002b). *Some first principles of an 'Integral Geography': An approach to modeling human-environment problem spaces*. Unpublished manuscript, Carleton University, Ottawa, Ontario, Canada.

Eddy, Brian (2005). Integral geography: Space, place and perspective. *World Futures*, 61 (1-2), 151-163.

Elgin, Duane (1993). *Awakening earth: Exploring the evolution of human consciousness*. New York: William Morrow and Company, Inc.

Elgin, Duane (1997). Global consciousness change: Indicators of an emerging paradigm. A report submitted to the Fetzer Institute. San Anselmo, CA: Millennium Project.

Ellen, R. F.; Parkes, P. & Bicker, A. (Eds.). (2000). *Indigenous environmental knowledge and its transformations: Critical anthropological perspectives*. New York: Routledge.

- Emerson, Ralph Waldo (1969). *On nature: The best of Ralph Waldo Emerson: Essays, poems, addresses* (G. Haight, Ed.). Roslyn, NY: Walter J. Black.
- Esbjörn-Hargens, Sean (2006). Integral ecology: An ecology of perspectives. *AQAL: Journal of Integral Theory and Practice*, 1 (1), 267-304.
- Etling, K. (2001). *Hunting superbucks: How to find and hunt today's trophy mule and whitetail deer*. New York: Lyons Press.
- Evernden, N. & Leslie, L. (1992). *The social creation of nature*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Farrar, S. & Farrar, J. (1984). *The witches' way*. London: Robert Hale.
- Fiandt, K.; Forman, J.; Erickson Megel, M.; Pakieser, R. A. & Burge, P. (2003). Integral nursing: An emerging framework for engaging the evolution of the profession. *Nursing Outlook*, 51, 130-137.
- Fisher, A. (2002). *Radical ecopsychology*. Albany: State University of New York Press.
- Fisher, R. M. (2003). *'Lighting up' the integral: A critical review of Ken Wilber's philosophy and theories related to education*. Unpublished manuscript.
- Ford, B. (2000). *The secret language of life: How animals and plants feel and communicate*. New York: Fromm International.
- Forman, D. (1993). *Ecodefense: A field guide to monkeywrenching*. Chico, CA: Abzug Press.
- Foster, S. (1992). *The book of the vision quest: Personal transformation in the wilderness*. New York: Simon & Schuster.
- Fox, M. (1988). *The coming of the cosmic Christ: The healing of mother earth and the birth of a global renaissance*. San Francisco: Harper San Francisco.
- Fox, M. (1991). *Creation spirituality: Liberating gifts for the peoples of the earth*. San Francisco: Harper San Francisco.
- Fox, W. (1990). *Towards a transpersonal ecology: Developing new foundations for environmentalism*. Boston: Shambhala.
- Frew, D. (1999). Harran: Last Refuge of Classical Paganism. *The Pomegranate: A New Journal of Neopagan Thought*.
- Fukuoka, M. (1978). *The one-straw revolution: An introduction to natural farming*. Emmaus, PA: Rodale Press.
- Fukuoka, M. (1985). *The natural way of farming: The theory and practice of green philosophy*. Tokyo: Japan Publications.
- Fukuoka, M.; Fukuoka, M. & Metreud, F. M. (1987). *The road back to nature: Regaining the paradise lost*. Tokyo: Japan Publications.
- Fussell, E. (1965). *Frontier: American literature and the American west*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

- Gebser, Jean (1985). *The ever-present origin* (N. Barstad & A. Mickunas, Trans.). Athens: Ohio University Press. (Original work published 1949.)
- Geyer, F. & Zouwen, J. V. D. (2001). *Sociocybernetics: Complexity, autopoiesis, and observation of social systems*. Westport, CT: Greenwood Press.
- Gibbs, J. J.; Giever, D. & Pober, K. A. (2000). Criminology and the eye of the spirit: An introduction and application of the thoughts of Ken Wilber. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 16 (1), 99-127.
- Goldsmith, E. (1993). *The way: An ecological worldview*. Boston: Shambhala.
- Golley, F. B. (1996). *A history of the ecosystem concept in ecology: More than the sum of the parts*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Goodin, R. E. (1992). *Green political theory*. Cambridge, MA: Polity Press.
- Graham, F. & Buchheister, C. (1992). *The Audubon ark: A history of the National Audubon Society*. Austin: University of Texas Press.
- Greenwald, J. (1993). Environmental attitudes: A structural developmental model (Doctoral dissertation, University of Massachusetts Amherst, 1993). *Dissertation Abstracts International*, 53 (12), 6550.
- Grey, Alex (1990). *Sacred mirrors: The visionary art of Alex Grey*. Rochester, NY: Inner Traditions.
- Grey, Alex (1998). *The mission of art*. Boston: Shambhala.
- Grey, Alex (2001). *Transfigurations*. Rochester, NY: Inner Traditions.
- Graves, Clare W. (2002). *Clare W. Graves: Levels of human existence* (W. R. Lee, Ed.). Santa Barbara, CA: ECLET Publishing.
- Griffin, D. R. (1994). Whitehead's deeply ecological worldview. In M.E. Tucker & J. Grim (Eds.), *Worldviews and ecology: Religion, philosophy, and the environment* (pp. 190-206). Maryknoll, NY: Orbis Books.
- Griffin, S. (1978). *Woman and nature: The roaring inside her*. New York: Harper & Row.
- Grosz, T. (1999). *Wildlife wars: The life and times of a fish and game warden*. Boulder, CO: Johnson Books.
- Guattari, F. (2000). *The three ecologies* (I. Pindar & P. Sutton, Trans.). London: The Alhlon Press. (Original work published 1989.)
- Gunderson, L. H. & Holling, C. S. (2001). *Panarchy: Understanding transformations in systems of humans and nature*. Washington, DC: Island Press.
- Habermas, J. (1984-1985). *The theory of communicative action* (Vols. 1-2; T. McCarthy, Trans.). Boston: Beacon Press.
- Halifax, J. (1979). *Shamanic voices: A survey of visionary narratives*. New York: E. P. Dutton.

- Hargens, Sean (2001). Intersubjective musings: A response to Christian de Quincey's 'The Promise of Integralism.' *Journal of Consciousness Studies*, 8 (12), 35-78.
- Hargens, Sean (2002). Integral development: Taking the middle path towards gross national happiness. *Journal of Bhutan Studies*, 6, 24-87.
- Harguindey, S. (2003). *Spirit and politics for the XXI century*. Unpublished manuscript.
- Harris, P. (2001). *Frequently asked questions about Christian meditation: The path of Contemplative Prayer*. Ottawa, Ontario, Canada: Novalis.
- Hawken, Paul; Lovins, Amory & Lovins, L. Hunter (1999). *Natural capitalism*. New York: Brown and Company.
- Hays, S. (1999). *Conservation and the gospel of efficiency: The progressive conservation movement, 1890-1920*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- Hochachka, Gail (2001). *Integral community development in San Juan del Gozo, El Salvador: Including communities, ecosystems and 'interiority' in the developmental process*. Unpublished master's thesis, University of Victoria, Victoria, British Columbia, Canada.
- Hochachka, Gail (2005). Integrating interiority in community development. *World Futures*, 61 (1-2), 110-126.
- Hodges, T. (1999). *Sworn to protect*. Oroville, CA: T & C Books.
- Hofstadter, R. (1992). *Social Darwinism in American thought*. Boston: Beacon Press.
- Holler, C. (Ed.). (2000). *The Black Elk reader*. Syracuse, NY: Syracuse University Press.
- Horon, D. (2000). *The pure state of nature: Sacred cows, destructive myths and the environment*. Crows Nest, New South Wales, Australia: Allen & Unwin.
- Hughes, H. (2001). *Sensory exotica: A world beyond human experience*. Cambridge, MA: Bradford Books.
- Huhndorf, S. M. (2001). *Going native: Indians in the American cultural imagination*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Hutter, B. (Ed.). (1999). *A reader in environmental law*. New York: Oxford University Press.
- Jastrab, J. (1995). *Sacred manhood, sacred earth: A vision quest into the wilderness of a man's heart*. New York: Harper Perennial Library.
- Jones, K. (1989). *The social face of Buddhism: An approach to political and social activism*. Boston: Wisdom.
- Johnston, David & Leonard, Adam (submitted). Case study: Green building market transformation through integral communication. *AQAL: Journal of Integral Theory and Practice*.
- Kahn, P. H., Jr. (1999). *The human relationship with nature: Development and culture*. Cambridge, MA: MIT Press.

- Kahn, P. H., Jr & Kellert, S. R. (Eds.). (2002). *Children and nature: Psychological, sociocultural, and evolutionary investigations*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Kealey, D. (1990). *Revisioning environmental ethics*. Albany: State University of New York Press.
- Kegan, Robert (1982). *The evolving self: Problem and process in human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Kegan, Robert (1994). *In over our heads: The mental demands of modern life*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Keller, D. (1998). Ecological hermeneutics. Paper presented at the Philosophy and the Environment Conference, Boston, MA. <http://www.bu.edu/wcp/Papers/Envi/EnviKell.htm>
- Keller, E. F. (1995). *Reflections on gender and science*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Kimbrell, A. (2002). *The fatal harvest reader*. Washington, DC: Island Press.
- Koestler, A. (1976). *The ghost in the machine*. New York: Random House.
- Kreisberg, J. (2003). *The twelve niches of plant medicine*. Unpublished manuscript.
- Kubasek, N. & Silverman, G. (2001). *Environmental law* (4th ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Kull, K. (Ed.). (2001). Jakob von Uexkull: A paradigm for biology and semiotics. *Semiotica*, 134 (1/4).
- Laird, S. A. (Ed.). (2002). *Biodiversity and traditional knowledge*. London: Earthscan Publications.
- Landy, M. K.; Roberts, M. J. & Thomas, S. R. (1994). *The Environmental Protection Agency: Asking the wrong questions: From Nixon to Clinton*. New York: Oxford University Press.
- Latonick-Flores, J. (2003). *Awakening to the ecotragedy: An examination of Kegan's 'In over Our Heads' thesis and the transformation of ecological consciousness. A Research Proposal*. Unpublished manuscript, Saybrook Graduate School, San Francisco.
- Latonick-Flores, J. (2004). *Broadening environmental awareness: Another perspective on the new environmental paradigm/dominant social paradigm theory*. Doctoral dissertation, Saybrook Graduate School, San Francisco.
- Laszlo, Ervin (1996). *The systems view of the world: A holistic vision for our time*. Cresskill, NJ: Hampton Press.
- Lauzon, A. (1998). Adult education and the human journey: An evolutionary perspective. *International Journal of Lifelong Education*, 17 (2), 131-145.
- Levi-Strauss, C. (1962). *Totemism today* (R. Needham, Trans.). Boston: Beacon Press.
- Leopold, Aldo (1949). *A Sand County almanac and sketches here and there*. New York: Oxford University Press.
- Light, A. & Katz, E. (Eds.). (1996). *Environmental pragmatism*. New York: Routledge.

- Lipp, D. (2003). *The elements of ritual: Air, fire, water & earth in the Wiccan circle*. Saint Paul, MN: Llewellyn Publications.
- Love, S. (1972). *Ecotage*. New York: Pocketbooks.
- Lovelock, James (2000). *Gaia: A new look at life on earth* (3rd ed.). New York: Oxford University Press. (Original work published 1979.)
- Low, A. & Tremayne, S. (Eds.). (2002). *Sacred custodians of the earth? Women, spirituality and the environment*. Oxford, England: Berghahn Books.
- Luhmann, Niklas (1989). *Ecological communication* (J. Bednarz, Trans.). Chicago: University of Chicago Press.
- Luhmann, Niklas (1995). *Social systems* (J. Bednarz & D. Baecker, Trans.). Palo Alto, CA: Stanford University Press.
- Macy, J. (1990). The ecological self: Postmodern ground for right action. In D. Griffin (Ed.), *Sacred interconnections: Postmodern spirituality, political economy, and art*. New York: State University of New York Press.
- Main, J. (1985). *The way of unknowing*. London: Darton, Longman & Todd.
- Manes, C. (1990). *Green rage*. Boston: Little Brown & Company.
- Marion, J. (2000). *Putting on the mind of Christ: The inner work of Christian spirituality*. Charlottesville, VA: Hampton Roads Publishing.
- Martin, C. (1981). The American Indian as miscast ecologist. In R. Schutz & J. D. Hughes (Eds.), *Ecological Consciousness* (ch. 7). Washington, DC: University Press of America.
- Maturana, Humberto R. & Varela, Francisco J. (1991). *Autopoiesis and cognition: The realization of the living*. Boston: Reidel Publishing.
- McClellan, J. (1993). Nondual ecology: In praise of wildness and in search of harmony with everything that moves. <http://spot.colorado.edu/~mcclelr/NondualEcologyLight.htm>
- McKibben, Bill (1999). *The end of nature*. New York: Anchor.
- McPherson, J. & McPherson, G. (1993). *Primitive wilderness living & survival skills: Naked into the wilderness*. New York: John McPherson.
- Mechling, J. (2001). *On my honor: Boy Scouts and the making of American youth*. Chicago: University of Chicago Press.
- Merleau-Ponty, M. (2000). *The visible and the invisible* (C. Lefort, Trans.). Evanston, IL: Northwestern University Press. (Original work published 1968.)
- Merchant, C. (1980). *The death of nature: Women, ecology, and the scientific revolution*. New York: Harper and Row.
- Merchant, C. (2003). *Reinventing Eden: The fate of nature in western culture*. New York: Routledge.

- Metzner, R. (1999). *Green psychology: Transforming our relationship to the earth*. Rochester, VT: Inner Traditions.
- Metzner, R.; Callaway, J. C.; Grob, C. S. & McKenna, D. J. (1999). *Ayahuasca: Human consciousness and the spirits of nature*. New York: Thunder's Mouth Press.
- Mies, M. & Shiva, V. (1993). *Ecofeminism*. London: Zed Books.
- Mikulas, W. (2001). *The integrative helper: Convergence of Eastern and Western traditions*. Belmont, CA: Wadsworth Publishers.
- Morin, E. & Kern, A. B. (1999). *Homeland earth: A manifesto for the new millennium*. Cresskill, NJ: Hampton Press.
- Moura, Ann (1996). *Green witchcraft: Folk magic, fairy lore & herb craft*. Saint Paul, MN: Llewellyn Publishers.
- Moyer, B. (2001). *Doing democracy: The MAP model for organizing social movements*. Gabriola Island, Canada: New Society Publishers.
- Mugerauer, R. (1985). Language and the emergence of the environment. In D. Seamon & R. Mugerauer (Eds.), *Dwelling, place & environment: Towards a phenomenology of person and world* (pp. 51-70). New York: Columbia University Press.
- Nash, R. (1982, 1967). *Wilderness and the American mind*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Neihardt, J. (1988, 1932). *Black Elk speaks*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Noss, R.; O'Connell, M. A. & Murphy, D. D. (1997). *The science of conservation planning: Habitat conservation under the Endangered Species Act*. Washington, DC: Island Press.
- O' Brien, J. F. (1988). Teilhard's view of nature and some implications for environmental ethics. *Environmental Ethics*, 10, 329-346.
- O' Neill, R. V.; De Angelis, D.; Waide, J. & Allen, T. F. H. (1986). *A hierarchical concept of ecosystems*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Oelschlaeger, M. (1991). *The idea of wilderness: From prehistory to the age of ecology*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Olsen, M. (2003). *Women who risk: Profiles of women in extreme sports*. Long Island City, NY: Hatherleigh Press.
- Owens, Cameron (2005). An integral approach to sustainable consumption and waste reduction. *World Futures*, 61 (1-2), 96-109.
- Oyama, S. (2000). *Evolution's eye: A systems view of the biology-culture divide*. Durham, NC: Duke University Press.
- Palmer, C. (1998). *Environmental ethics and process thinking*. Oxford: Clarendon Press.
- Paulson, D. (1999a). *Topical antimicrobial testing and evaluation*. New York: Marcel Dekker.

Paulson, D. (1999b, August). Successfully marketing skin moisturizing products. *Soap/Cosmetics/Chemical Specialties*.

Paulson, D. (1999c). The near-death experience: An integration of cultural, spiritual, and physical perspectives. *Journal of Near Death Studies*, 18 (1), 13-45.

Paulson, D. (2002). *Competitive business, caring business: An integral business perspective for the 21st century*. New York: Paraview Press.

Petitot, J.; Varela, F. J.; Pachoud, B. & Roy, J-M (2000). *Naturalizing phenomenology: Issues in contemporary phenomenology and cognitive science*. Palo Alto, CA: Stanford University Press.

Pimm, S. L. (2001). *The world according to Pimm: A scientist audits the earth*. Blacklick, OH: McGraw-Hill Trade.

Plumwood, V. (1993). *Feminism and the mastery of nature*. New York: Routledge.

Prpich, Wade (2005). A critical analysis of the national standard of Canada for organic agriculture, *World Futures*, 61 (1-2), 138-150.

Regan, T. (1983). *The case for animal rights*. Berkeley: University of California Press.

Register, R. (1987). *Ecocity Berkeley: Building cities for a healthy future*. Berkeley, CA: North Atlantic Press.

Rentschler, M. (2006a). Introducing integral art. *AQAL: Journal of Integral Theory and Practice*, 1 (1), 41-49.

Rentschler, M. (2006b). Understanding integral art. *AQAL: Journal of Integral Theory and Practice*, 1 (1), 50-70.

Ricklefs, R. & Miller, G. (1999). *Ecology* (4th ed.). New York: W. H. Freeman.

Riddell, Darcy (2005). Evolving approaches to conservation: Integral ecology and British Columbia's Great Bear rainforest. *World Futures*, 61 (1-2), 63-78.

Rollin, B. (1989). *The unheeded cry: Animal consciousness, animal pain, and science*. Oxford, England: Oxford University Press.

Rolston, H., III (1986). *Philosophy gone wild: Essays in environmental ethics*. Buffalo, NY: Prometheus.

Rolston, H., III (1988). *Environmental ethics: Duties to and values in the natural world*. Philadelphia: Temple University Press.

Roof, Nancy (2003). Integral approaches that transform us and the world. *Spirituality & Reality: New Perspectives on Global Issues*, II (2), 7-10.

Roszak, M.; Kanner, A. D. & Gomes, M. E. (1995). *Ecopsychology: Restoring the earth, healing the mind*. San Francisco: Sierra Club Books.

Sale, K. (1985). *Dwellers in the land: The bioregional vision*. San Francisco: Sierra Club Books.

- Scarce, R. (1990). *Eco warriors: Understanding the radical environmental movement*. Chicago: Noble Press.
- Schilthuis, W. (1994). *Biodynamic agriculture*. Hudson, NY: Anthroposophic Press.
- Schlitz, M.; Amorok, T. & Micozzi, M. (Eds.). (2004). *Consciousness and healing: Integral approaches to mind-body medicine*. St Louis, MO: C.V. Mosby.
- Schwartz, S. & Schwartz, J. (2001). *The scouting way*. San Clemente, CA: Scouting Way Press.
- Schweitzer, Albert (1946). *Civilization and ethics*. London: A & C Black.
- Seamon, D. & Zajonc, A. (Eds.). (1998). *Goethe's way of science: A phenomenology of nature*. Albany: State University of New York Press.
- Sessions, G. (Ed.). (1995). *Deep ecology for the 21st century*. Boston: Shambhala.
- Sewall, L. (1999). *Sight and sensibility: The ecopsychology of perception*. New York: Tarcher & Putnam.
- Shepard, P. (1982). *Nature and madness*. San Francisco: Sierra Club Books.
- Simmons, I. G. (1993). *Interpreting nature: Cultural constructions of the environment*. New York: Routledge.
- Sjoo, M. (1991). *The Great cosmic mother: Rediscovering the religion of the earth* (2nd ed.). San Francisco: Harper.
- Slaughter, Richard A. (1997). Ken Wilber's path to transformational futures. *New Renaissance*, 7, 23-25.
- Slaughter, Richard A. (1998). Transcending flatland: Implications of Ken Wilber's meta narrative for futures studies. *Futures*, 30, 519-533.
- Slaughter, Richard A. (1999a). A new framework for environmental scanning. *Foresight: The Journal of Future Studies, Strategic Thinking and Policy*, 1 (5), 387-397.
- Slaughter, Richard A. (1999b). An outline of critical futures studies. In R. A. Slaughter, *Futures for the Third Millennium—Enabling the Forward View* (pp. 203-230). Sydney, Australia: Prospect.
- Slaughter, Richard A. (2001). Knowledge creation, futures methodologies and the integral agenda. *Foresight: The Journal of Future Studies, Strategic Thinking and Policy*, 3 (5), 407-418.
- Slaughter, Richard A. (2002). Beyond the mundane: Reconciling breadth and depth in futures work. *Futures*, 34, 493-507.
- Snorf, Kevin (2003). *Integral eco-design*. Manuscript in preparation.
- Soares, E. & Powers, M. (1999). *Extreme sea kayaking: A survival guide*. Camden, ME: International Marine/Ragged Mountain Press.
- Spence, M. D. (2000). *Dispossessing the wilderness: Indian removal and the making of the national parks*. New York: Oxford University Press.
- Spretnak, C. (1999). *The resurgence of the real*. New York: Routledge.

- Starhawk (1995). *The spiral dance: A rebirth of the ancient religion of the great goddess*. San Francisco: Harper San Francisco.
- Stein, M. (2000). *When technology fails: A manual for self-reliance and planetary survival*. Santa Fe, NM: Clear Light Publishing.
- Steeves, H. P. (1999). *Animal others: On ethics, ontology, and animal life*. Albany: State University of New York Press.
- Steiner, R. (1993). *Agriculture: Spiritual foundations for the renewal of agriculture*. Kimberton, PA: Bio-Dynamic Farming and Gardening Association.
- Sturgeon, N. (1997). *Ecofeminist natures: Race, gender, feminist theory, and political action*. London: Routledge.
- Swearingen, T. (1990). Moral development and environmental ethics (Doctoral dissertation, University of Washington, 1990). *Dissertation Abstracts International*, 50 (12), 5905.
- Swimme, Brian & Berry, Thomas (1992). *The universe story—From the primordial flaring forth to the ecozoic era: A celebration of the unfolding of the cosmos*. San Francisco: HaperCollins.
- Taylor, B. (1997). Earth spirituality or cultural genocide? Radical environmentalism's appropriation of Native American spirituality. *Religion*, 27, 183-215.
- Taylor, P. (1986). *Respect for nature*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Telesco, T. & Telesco, P. (1999). *Dancing with devas: Connecting with the spirits and elements of nature*. Laceyville, PA: Todd Hall.
- Tennyson, J. (1977). *A singleness of purpose: The story of ducks unlimited*. Chicago: Ducks Unlimited.
- Tissot, Brian (2005). Integral marine ecology: Community-based fishery management in Hawai'i. *World Futures*, 61 (1-2), 79-95.
- Tobias, M. (1995). *A vision of nature: Traces of the original world*. Kent, OH: Kent State University Press.
- Torbert, William (1991). *The power of balance: Transforming self, society, and scientific inquiry*. Newbury Park, CA: Sage.
- Torbert, William (2004). *Action inquiry: The secret of timely and transforming leadership*. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers.
- Tucker, M. E. & Grim, J. (Eds.). (1994-2002). *Religions of the world and ecology* (Vols. 1-10). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Van Buren, J. (1995). Critical environmental hermeneutics. *Environmental Ethics*, 17, 259-275.
- Vitek, W. & Jackson, W. (Eds.). (1996). *Rooted in the land*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Voros, J. (2001). Reframing environmental scanning: An integral approach. *Foresight: The Journal of Future Studies, Strategic Thinking and Policy*, 3 (6), 533-52.

- Walsh, Roger (1992). *The spirit of shamanism*. Los Angeles: Tarcher.
- Walsh, Roger (2002). Terrorism and other global terrors: An integral analysis. *Journal of Transpersonal Psychology*, 34 (1), 13-22.
- Warren, K. (Ed.). (1997). *Ecofeminism: Women, culture, nature*. Bloomington: Indiana University Press.
- Warren, K. (2000). *Ecofeminist philosophy*. New York: Rowan & Littlefield Publishers.
- Watson, D. (1996). *Beyond Bookchin: Preface for a future social ecology*. Detroit, MI: Black & Red.
- Welter, V. M. (2002). *Biopolis: Patrick Geddes and the city of life*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Weil, P. (2002). *The art of living in peace: Guide to education for a culture of peace*. Paris: UNESCO Publishing.
- Whitehead, Alfred North (1979). *Process and reality: An essay in cosmology* (D. Griffin & D. Sherburne, Eds.). New York: Free Press.
- Whiteside, K. H. (2002). *Divided natures: French contributions to political ecology*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Wight, Ian (1999). *Integrating It and We with the I of the beholder: From planning the city's region to making our collective home-place*. Paper presented to the Canadian Institute of Planners National Conference, Montreal, Quebec, Canada.
- Wight, Ian (2000). *Rethinking regions as holons in holarchies: Toward a more integral city-region planning practice*. Paper presented to the Association of Collegiate Schools of Planning, Atlanta, GA.
- Wight, Ian (2002). *Place, placemaking and planning: Part 1; Wilber's integral theory*. Paper presented to the Association of Collegiate Schools of Planning, Baltimore.
- Wight, Ian (2005). Placemaking as applied integral ecology: Evolving an ecologically-wise planning ethic. *World Futures*, 61 (1-2), 127-137.
- Wilber, Ken (1995). *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*. Boston: Shambhala.
- Wilber, Ken (1996). *A brief history of everything*. Boston: Shambhala.
- Wilber, Ken (1999). *Integral psychology: Consciousness, spirit, psychology, therapy*. Boston: Shambhala.
- Wilber, Ken (1999-2000). *The collected works of Ken Wilber* (Vols. 1-8). Boston: Shambhala.
- Wilber, Ken (2000). *A theory of everything: An integral vision for business, politics, science, and spirituality*. Boston: Shambhala.
- Wilber, Ken (2002). On critics, Integral Institute, my recent writing, and other matters of little consequence: A Shambhala interview with Ken Wilber.
- Wilber, Ken (2003a). Introduction to excerpts from volume 2 of the Kosmos Trilogy.
- Wilber, Ken (2003b). Excerpt A: An integral age at the leading edge.

Wilber, Ken (2003c). Excerpt B: The many ways we touch; Three principles for an integral approach.

Wilber, Ken (2003d). Excerpt C: The ways we are in this together; Intersubjectivity and interobjectivity.

Wilber, Ken (2003e). Excerpt D: The look of a feeling; The importance of post/structuralism.

Wilber, Ken (2003f). Excerpt G: Toward a comprehensive theory of subtle energies.

Wilber, Ken (2004). The integral vision of healing. In M. Schlitz, T. Amorok & M. Micozzi (Eds.), *Consciousness and healing: Integral approaches to mind-body medicine* (Foreword). St Louis, MO: C. V. Mosby.

Wilpert, Gregory (2001). Integral politics: A spiritual third way. *Tikkun*, 44-49.

Winter, D. (1995). *Ecological psychology: Healing the split between planet and self*. San Francisco: HarperCollins.

Worster, D. (1994). *Nature's economy: A history of ecological ideas*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

Wright, M. S. (1993). *Perelandra garden workbook: A complete guide to gardening with nature intelligences*. Warrentown, VA: Perelandra.

Zakin, S. (1995). *Coyotes and town dogs: Earth First! and the environmental movement*. New York: Penguin.

Zimmerman, Michael (1994). *Contesting earth's future: Radical ecology and postmodernity*. Berkeley: University of California Press.

Zimmerman, Michael (1998). *Ken Wilber's critique of ecological spirituality*. Unpublished manuscript.

Zimmerman, Michael (2000). Possible political problems of earth-based religiosity. In E. Katz, A. Light & D. Rothenberg (Eds.), *Beneath the surface: Critical essays in the philosophy of deep ecology* (pp. 169-194). Cambridge MA: MIT Press.

Zimmerman, Michael (2004). What can continental philosophy contribute to environmentalism. In B. Foltz & R. Frodeman (Eds.), *Rethinking nature: Essays in environmental philosophy* (Ch. 12). Bloomington: Indiana University Press.

Zimmerman, Michael (2001). Ken Wilber's critique of ecological spirituality. In D. Barnhill & R. Gottlieb (Eds.), *Deep ecology and world religions* (pp. 243-269). Albany: State University of New York Press.

Zimmerman, Michael (2005). Integral ecology: A perspectival developmental and coordinating approach to environmental problems. *World Futures*, 61 (1-2), 50-62.

Zimmerman, M.; Callicot, J. B.; Clark, J.; Warren, K. J. & Klaver, I. J. (2004). *Environmental philosophy: From animal rights to radical ecology* (4th ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.